



CURSO DE CAPACITAÇÃO EM ARTE NA EDUCAÇÃO

Solicite agora mesmo seu certificado
de **37 Horas** (no link abaixo)

[**\[Clique aqui para solicitar certificado\]**](#)



Veja um modelo
do certificado!





**Somos a maior rede de Cursos
Pedagógicos do Brasil. Temos mais de
200 mil alunos matriculados em todo o
país!!**

**Nossos Curso são reconhecidos e aprovados
pela ABED, Faculdades, Escolas, Prefeituras e
Instituições!**



Use o Certificado para:

- ✓ **Evolução Funcional**
- ✓ **Provas de Títulos**
- ✓ **Horas Complementares na Faculdade**
- ✓ **Concursos Públicos**
- ✓ **Processo de Recrutamento e Seleção**
- ✓ **Enriquecer seu Currículo**

DICAS IMPORTANTES PARA O BOM APROVEITAMENTO

- O objetivo principal é aprender o conteúdo, e não apenas terminar o curso.
- Leia todo o conteúdo com atenção redobrada, não tenha pressa.
- Explore as ilustrações explicativas, pois elas são fundamentais para exemplificar e melhorar o entendimento sobre o conteúdo.
- Quanto mais aprofundar seus conhecimentos mais se diferenciará dos demais alunos dos cursos.
- O aproveitamento que cada aluno tem é o que faz a diferença entre os “alunos certificados” e os “alunos capacitados”.
- A aprendizagem não se faz apenas no momento em que está realizando o curso, mas também durante o dia-a-dia. Ficar atento às coisas que estão à sua volta permite encontrar elementos para reforçar aquilo que foi aprendido.
- Aplique o que está aprendendo. O aprendizado só tem sentido quando é efetivamente colocado em prática





Sumário

CURSO DE CAPACITAÇÃO EM ARTE NA EDUCAÇÃO.....Erro!

Indicador não definido.

DICAS IMPORTANTES PARA O BOM APROVEITAMENTO.....Erro!

Indicador não definido.

MÓDULO I – ENSINO DE ARTES E A HISTÓRIA DA ARTE NA EDUCAÇÃO..... 6

1.HISTÓRIA 6

MÓDULO II – A ARTE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR..... 25

2.A ARTE E A EDUCAÇÃO 25

3.ARTE COMO CONHECIMENTO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES 30

4.ARTE E ESTETICA 32

5.ARTE ENQUANTO CONHECIMENTO 33

6. OS PERIGOS DA AVALIAÇÃO..... 34

MÓDULO III – A ARTE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR EM DIFERENTES FASES ESCOLARES..... 38

7.ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL 38

8.ARTE NA EDUCAÇÃO PRIMÁRIA/BÁSICA..... 41

9.ARTE NA EDUCAÇÃO DE ADOLESCENTES NO ENSINO MÉDIO 44

10.A IMPORTANCIA DA ARTE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL 51

MÓDULO IV – ELABORAÇÃO DE ATIVIDADES DE ARTE PARA A EDUCAÇÃO 54

11.ATIVIDADES DE ARTE PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL 57

12.ATIVIDADES DE ARTE PARA NIVEL MÉDIO 63

MÓDULO V – LEITURA COMPLEMENTAR.....	69
ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL	69
A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	112



MÓDULO I – ENSINO DE ARTES E A HISTÓRIA DA ARTE NA EDUCAÇÃO

1. HISTÓRIA

A história do ensino da Arte no Brasil iniciou-se no período correspondente ao estilo Barroco–Jesuítico – 1549 a 1808 - quando, devido às condições próprias da Colônia, esse estilo de características europeias adaptou-se às peculiaridades locais. Tal fato originou um tipo de arte com características próprias: o Barroco brasileiro.

Nesse período, realizaram-se montagens teatrais de caráter didático, no contexto das práticas da catequese jesuítica. Essas concepções constituíram-se em práticas incipientes do ensino da Arte, pois os padres jesuítas preparavam a população indígena para a materialização do seu teatro religioso. Podemos observar que também a música foi utilizada como instrumento no processo de catequese, o qual se deu a partir da utilização do Canto Gregoriano. A inexistência de escolas de Arte direcionou um processo de aprendizagem artístico vinculado às oficinas dos artesãos, às ruas e às instituições religiosas.

Foi um período bastante produtivo que contribuiu para a formação de uma arte nacional popular, na qual se destacava o processo informal, que não fazia distinção entre música erudita e música popular.

Em 1808, a vinda da família real para o Brasil, decorrente de questões políticas instauradas na Europa, fez surgir na Colônia, pela imposição dos padrões artísticos vinculados ao Neoclassicismo, um novo panorama artístico-cultural. O estilo neoclássico, apropriado tardiamente da Europa, foi

incorporado ao Brasil pelo decreto de 1816, instituído por D. João VI. Coube à missão Artística Francesa administrar a Academia Real de Arte e Ofícios e, por meio desta, divulgar a proposta neoclássica. A imposição do modo de produção acadêmico e elitista provocou um distanciamento entre a arte e o povo. As artes plásticas ganharam um contorno neoclássico sendo destinadas à elite brasileira.

A música, que era muito apreciada pela família real, cujos membros dominavam pelo menos um instrumento musical, recebeu grande incentivo no período. Em 1841, foi criado o Conservatório de Música do Rio de Janeiro. A criação do Conservatório originou a Escola de Música da Universidade Federal e, em consequência disso, oficializou-se o ensino de música no Brasil. Na mesma época, o ator João Caetano publicou o primeiro manual para a formação de atores, introduzindo, assim, a discussão sobre a necessidade da criação de alternativas para o ensino das técnicas teatrais. Em decorrência das ideias advindas do neoliberalismo americano e do positivismo francês no final do século XIX, o ensino da Arte no Brasil passou a ser visto como a possibilidade de preparação para a indústria. Com isso, o desenvolvimento econômico resultante da Revolução Industrial e a abolição da escravatura provocaram uma acentuada valorização do trabalho manual, em detrimento das Belas Artes.

Em 1890, visando ao desenvolvimento da racionalidade, introduziu-se o ensino do desenho geométrico, objetivando a atender aos interesses positivistas. O início do século XX foi marcado, por um lado, pelas influências liberais, que entendiam o ensino do desenho como linguagem técnica e por outro, pelo positivismo, que o entendia como preparo para a linguagem científica. A partir de 1920, foram introduzidas ideias e técnicas pedagógicas americanas: a criança era vista como pessoa com características próprias, necessitando, assim, de investigações acerca de suas potencialidades orgânicas e funcionais antes de se definirem objetivos e métodos pedagógicos. Com a Semana da Arte Moderna de 1922, surgiu um novo momento para o ensino de Arte no Brasil.

Informações sobre os movimentos de arte moderna como Fauvismo, Expressionismo, entre outros, tiveram forte influência na arte local, motivando

um novo olhar para a produção artística infantil. Esses novos olhares originaram-se, essencialmente, em Anita Malfatti e em Mário de Andrade, inspirados pelo austríaco Franz Cisek. A postura pedagógica era a da livre expressão, isto é, deixar fazer livremente, dando grande ênfase ao espontaneísmo infantil. Porém, para Mário de Andrade, essa liberdade de criação deveria ser portadora de originalidade e de significação para a criança. A década iniciada em 1930 viveu o ideário da Escola Nova, influenciado por Dewey, Decroly e Claparède. A inclusão da arte na escola primária foi discutida de maneira acirrada, não como disciplina a ser ensinada, mas como forma de expressão. Entretanto, por questões políticas, esse movimento foi sendo diluído. É desse período a introdução do ensino de música na escola regular que, até então, usava o método do canto orfeônico idealizado por Heitor Villa-Lobos.

Opondo-se ao Canto Orfeônico, a Educação Musical, com método oriundo da Europa, utilizava-se da experimentação, improvisação e criação de sons. Após 1948, sob forte influência de teóricos como Herbert Read e Viktor Lowenfeld, houve a proposta de uma Educação pela Arte, vista como processo criador. Ainda no final da década iniciada em 1940, surgiu no Brasil o Movimento das Escolinhas de Arte, talvez o mais fecundo em termos de ensino da Arte realizado no Brasil. Foi idealizado por Augusto Rodrigues, iniciado nos corredores da Biblioteca Castro Alves, e denominado espontaneamente pelas crianças como Escolinha. A finalidade desse movimento era a de desenvolver a capacidade criadora da criança, visando ao seu desenvolvimento estético. No início da década de 1950, sob a influência da modernização do teatro brasileiro, foi criada a Escola de Arte Dramática (EAD) em São Paulo, objetivando proporcionar uma formação sistemática do ator, pois anteriormente esse tipo de atividade era informalmente desenvolvido no interior de companhias profissionais.

A década iniciada em 1960 foi marcada pela livre expressão, porém, omitindo a característica da originalidade pensada por Mário de Andrade visto que a interferência do professor como mediador do conteúdo era considerada

como negativa ao desenvolvimento da criatividade infantil. Ainda sob essa influência, em 1971, com a Lei 5692, o ensino de Arte em todo o território nacional passou a ser obrigatório, apesar de não haver uma escola superior que formasse o profissional para ministrar a disciplina. Os únicos professores de Arte existentes eram aqueles formados pelas Escolinhas de Arte que tinham como característica a formação polivalente do professor, capacitando-o a ministrar aulas de artes plásticas, artes cênicas, desenho e música. Como reflexo desse processo, e após anos de experiências e pesquisas comprovando o fracasso desse tipo de organização escolar—afinal, é raro o professor com domínio nas várias linguagens artísticas – atualmente a formação de professores de arte, no âmbito dos cursos universitários, prevê o profissional específico para cada linguagem artística. Entretanto surge uma contradição com as políticas implementadas pelas instituições responsáveis pelo ensino público, pois enquanto as universidades formam professores especializados em cada linguagem artística, o ensino público demanda professores polivalentes que trabalhem simultaneamente com todas as artes. A demanda, na prática pedagógica, é uma dispersão que poderia ser sanada a partir de um trabalho integrado de professores de diferentes artes, uma prática interdisciplinar não permitida pela realidade educacional que quer o professor concentrado em seu campo de conteúdos a partir da área de formação, apenas transitando de forma cuidadosa e segura nas outras linguagens artísticas, para não fazer de suas aulas meras tentativas superficiais, sem um aprofundamento consistente.

Nesse mesmo período, em decorrência da mesma lei, as disciplinas Desenho Geométrico e Educação Musical foram tiradas do currículo. De lá para cá, a Música tem sido ministrada em algumas escolas, mas de maneira solitária. O ensino mais efetivo do exercício musical e a conseqüente sensibilização das pessoas para a importância do mundo sonoro que nos cerca passou a ser privilégio de algumas pessoas com condições financeiras e predisposição para frequentar escolas específicas. Uma geração inteira formou - se sem ter sido despertada para a significação que possui o som em suas vidas.

Embora a citada lei enfatizasse o processo expressivo e criativo dos alunos, em si ela tornou-se mais tecnicista. Os programas eram inadequados e quase sempre enfatizavam o uso da técnica pela técnica, sequer percebendo a dimensão própria da arte. Em consequência desse período entre pedagogia novista e tecnicista, no final da década iniciada em 1970 surgiu o movimento de Arte-Educação, com o objetivo de repensar a função da arte na escola e na vida das pessoas. Os professores sentiam-se confusos com relação aos rumos do ensino de Arte, percebendo a importância de juntar forças para discussões, estudos, pesquisas e novas ações. Estava surgindo uma consciência mais reflexiva sobre o encaminhamento filosófico/metodológico para o ensino de Arte.

Assim, na década iniciada em 1980, as associações de professores em vários estados brasileiros estruturaram-se, criando a Federação das Associações de Arte-Educadores do Brasil-FAEB -, movimento que, paralelo às aberrações na legislação oficial, ativou acirradas discussões sobre o ensino de Arte. Organizaram-se eventos que chegaram a reunir até 2700 professores. Muito se discutiu, muito se trabalhou para uma melhoria da qualidade do ensino de arte. Entretanto vemos ainda uma realidade educacional que se vem arrastando, com visões distorcidas e práticas inconscientes. Segundo BARBOSA (1991), nessa mesma década, mais especialmente no ano de 1986, com a aprovação da reformulação do currículo comum, criou-se uma situação estranha, pois a área de comunicação e expressão, apesar de exigida, deixa de ser básica.

Em 1988, uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação começou a ser discutida na Câmara e no Senado, ora contemplando devidamente, ora excluindo o ensino da Arte enquanto disciplina obrigatória, o que demandou movimentos dos professores no sentido de demonstrar aos parlamentares que o ensino de Arte é investigação dos modos como se aprende Arte nas escolas, nos museus, nas ruas, nas universidades e na intimidade dos ateliês. Na década iniciada em 1990, a permanência ou não da obrigatoriedade da disciplina

tornou-se, outra vez, polêmica nacional, nos trâmites da LDB. Devido ao intenso movimento dos professores, de norte a sul do país, visando a mostrar que arte é conhecimento e que possui um campo teórico específico, conquistou-se a inclusão, no corpo de lei, da obrigatoriedade da disciplina em níveis de ensino.

Paralelamente a toda essa questão, houve avanços em termos teórico-metodológicos em se tratando do ensino de Arte. Cursos em nível de pós-graduação crescem no Brasil, com um número maior de pessoas refletindo sobre a Arte e seu ensino. Duas grandes tendências, não excludentes, têm sido motivo de reflexões e geradoras de bons resultados: de um lado, uma que trata de estética do cotidiano, como forma de melhor apreensão da realidade por meio da alfabetização estática; de outro lado, uma postura pedagógico cultural, na qual a leitura, a produção artística e a contextualização são áreas de conhecimento que fundamentam a compreensão histórico-cultural dos alunos.

Essa tendência, que no Brasil recebe o nome de Metodologia Triangular, é uma adaptação do DISCIPLIN BASIC ART EDUCATION/DBAE, desenvolvida no EUA pela Getty Foundation, que muito contribuiu, nos setores de arte-educação dos museus da Arte contemporânea.

Sabe-se que muito já se avançou e caminha-se a passos largos para reflexões cada vez mais consistentes sobre a arte e o seu ensino com a busca de novas metodologias de ensino e aprendizagem. A arte, hoje, é compreendida como patrimônio cultural da humanidade.

O ensino de arte no Brasil passou por diversas mudanças em toda sua história até os dias atuais, e continuará mudando com o tempo. Essas mudanças ocorreram devido às situações e necessidades vividas em cada época, em todos os anos de história do nosso país, a educação foi se renovando, e com isso o ensino de arte também.

Segundo Ferraz e Fusari (2009)

“[...] assim como outras áreas do conhecimento, surgem de mobilizações políticas, sociais, pedagógicas, filosóficas, e, no caso da arte, também de teorias e proposições artísticas e estéticas”.

Estas mudanças fazem parte de um processo político, cultural e social que aos poucos foram tomando forma. Um processo um tanto lento, principalmente ao ensino de arte nas escolas, levando em consideração os períodos da história do país e a história da educação.

A educação no Brasil tem origem com os Jesuítas, e segundo Ferraz e Fusari (2009) “surgiu com a fundação da “escola de ler e escrever”, designada ao ensino religioso, a escola era destinada principalmente aos filhos da elite”. Contudo, a educação jesuítica tinha por forma o conhecido *RatioStudiorum*, denominado como um guia educativo, que é referente ao curso secundário.

Segundo Barbosa (2009) o “*RatioStudiorum* estabelecia-se mediante um conjunto de normas e saberes – de cunho literário – a serem ensinados e condutas a serem inculcadas em práticas educativas prosélicas e catequéticas em relação ao catolicismo”. Para frequentar o curso o aluno já deveria ser letrado, e ter uma posição social de classe elevada e tradição familiar. Os que não possuíam tal tradição somente eram aceitos se fosse para exercer o trabalho sacerdotal.

Dentre essas normas, o estudo que mais se propagou no Brasil foi o curso de letras humanas, tal curso é ramificado em três classes, nomeado como *Trivium*, e segundo Barbosa (2002) era composto pela gramática, retórica e dialética, consideradas como artes liberais voltadas na maioria das vezes para os filhos da classe dominante, a elite. Havia ainda o *Quadrivium*, que consiste no currículo das artes literárias, gramática, retórica e dialética.

Quanto à educação aos “nativos”, ela foi nomeada como missões, o ensino era relacionado totalmente à catequização dos mesmos, havia um sistema de reduções, e segundo Ferraz e Fusari (2009, p.41) “as reduções assim

como as residências e os colégios, tornam-se verdadeiras “escolas - oficinas” que formavam artesãos e pessoas para trabalhar em todas as áreas fabris”. Assim a educação dos “nativos” era a educação “profissionalizante” destinada ao trabalho e produção de mão de obra.

Em relação ao ensino da arte, os jesuítas designavam maior importância às “artes literárias”, e a utilização da música, canto coral, teatro e o ensino do latim, dando mais importância a elas do que às artes e ofícios devido à ligação com a catequização.

As atividades manuais eram excluídas na educação dos homens livres, eram voltadas principalmente na educação nas missões indígenas ou ao treinamento dos escravos, com função designada para o consumo e para a religião. A educação jesuítica tinha a intenção de formar o aluno conforme sua condição social, e principalmente para as necessidades e interesses da igreja, não existindo uma organização de ensino como nos dias atuais.

As Artes e Ofícios, também foram uma filosofia de ensino dos jesuítas, segundo Barbosa (2009) “classificava, em geral, os saberes em artes liberais, filosofia e teologia. As artes liberais consistiam no ensino da pintura, escultura, arquitetura e engenharia”. E eram especificadamente destinadas aos homens livres, sendo assim diferenciando dos exercícios praticados pelos artesãos.

Com o banimento dos Jesuítas, em 1759 pelo Marquês de Pombal, a situação escolar no Brasil foi modificada, criaram-se as então nomeadas aulas régias, por Alvará de 28 de junho de 1759. Segundo Cardoso (2003, p. 200):

O Alvará de 28 de Junho de 1759, extinguiu o sistema de ensino baseado nos princípios sustentados pela Companhia de Jesus, que vigoravam havia dois séculos, tornando obrigação do Estado garantir a educação gratuita à população, estabelecer suas diretrizes e pagar os professores, subordinados todos a uma política fortemente centralizadora. A partir de então a educação tornava-se leiga, conduzida por organismos burocráticos governamentais e não mais na diretriz dos jesuítas, sem, contudo, abolir o ensino da religião católica nas escolas, que permaneceu obrigatório.

A educação não mais pertencia à Igreja, agora era de total responsabilidade do estado, considerado o primeiro sistema público de educação no país. Essa mudança no ensino tinha como intenção focar a educação nos conteúdos que os Jesuítas omitiam em seus métodos de ensino, conteúdos esses compostos pelas Ciências, Artes Manuais e a Técnica.

Poucas escolas tinham um local apropriado para ministrar as aulas, no geral eram dadas na casa do professor. Na prática, a aula régia não diferenciou tanto da educação jesuítica relacionada ao educando, apesar do sistema da aula régia ser considerado público, não abrangeu toda a sociedade, ficando mais reservada à elite. O espaço que deveria ser público, destinado à população, acabou possuindo uma visão privada, pois o espaço da casa do professor não abrangia toda a sociedade, acabando por ser destinado a poucos, principalmente os mais abastados. Fugiu totalmente do que o Alvará de 28 de Junho de 1759 visava como, por exemplo, “a obrigação de o Estado garantir a educação gratuita à população”, mas na prática o decreto não teve tanto sucesso.

No entanto, mesmo que lentamente, essas mudanças colaboraram para os primeiros passos do ensino de arte na educação, pois nesse começo o ensino de arte foi focado apenas no ensino do desenho, incluindo o desenho no currículo e criando uma aula régia de desenho e figura.

Neste período existiu o ensino informal de arte, voltado para necessidade de mão de obra de assistentes para auxiliar os artistas que vieram para o Brasil principalmente no período da colonização. Com isso foram surgindo escolas conhecidas como “corporação de artistas ou oficinas de artífices e artesãos”, com o ensino desenvolvido especialmente para a produção artística, já que neste período era escassa a existência de artistas ou conhecedores das técnicas importadas dos mesmos.

O segundo momento da reforma educacional no Brasil foi destinado à implantação da Universidade, e segundo Cardoso (2003, p. 200):

O segundo momento da reforma dos estudos, termo utilizado oficialmente, ocorreu através da lei de 06 de novembro de 1772, destinada à reforma da universidade e também com o intuito de sanar vários problemas ocorridos na implementação da etapa anterior.

O ensino de arte em academias tem início com a Missão Artística Francesa em 1816, vinda com o importado modelo Neoclássico, conduzindo um importante salto em relação ao ensino de arte no Brasil, pois anos depois foi fundada a Academia Imperial de Belas Artes.

Foi criada por decreto de D. João VI em 1816 a Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios, e com isso a vinda da missão francesa para o Brasil, na visão de D. João VI o ensino de arte seria necessário e importante para o progresso do reino, e em suas ideias “poderia vir a formar o mais rico e opulento dos reinos conhecidos”. Eram poucos países que possuíam uma academia até então, e isso faria com que o Brasil crescesse culturalmente, inserindo o país no mundo então desenvolvido. Havia também interesses políticos, já que neste contexto o Brasil ficaria a frente de Portugal, pois o país ainda não tinha o padrão de ensino que ele pretendia implantar no Brasil.

Passados dez anos e com outro nome, a então esperada Academia Imperial de Belas Artes se materializou, um tanto tarde. Nesse tempo de espera os artistas trabalharam por conta própria aceitando encomendas e alguns montaram um local para ministrar aulas de arte, sendo que muitas coisas ocorreram nesse meio tempo como o falecimento de Lebreton. Apesar de todos os problemas ocorridos, a missão francesa de fato marcou o ensino da arte no Brasil e seu desenvolvimento, inseriu o estilo Neoclássico na academia e em obras dos artistas produzidas aqui, mas com o tempo o estilo artístico no Brasil foi tomando novos rumos e se renovando.

Apesar de o Desenho ter sido matéria obrigatória na academia por um bom tempo, a Academia Imperial de Belas Artes foi a primeira instituição de ensino

em que a história da arte foi ministrada como conteúdo. Apesar de ser uma academia e o ensino ser designado apenas para formação de artistas, foi nela que primeiramente houve a preocupação do ensino de história da arte, acontecendo a partir de 1890.

Segundo Mosaner e Stori (2007, p.147) “É interessante salientar que só depois de bem estabelecido o curso superior de artes, através da Academia, é que há a preocupação de implantá-lo no ensino primário e secundário”. Primeiramente, deu-se maior importância para a implantação do ensino superior de artes, só após a academia houve uma preocupação em inserir o Desenho no ensino primário e secundário, sendo assim a academia influenciou com sua metodologia o ensino de desenho na educação básica, porém o ensino da história da arte não é mencionado como conteúdo.

Com o tempo as tendências neoclássicas no ensino foram se tornando menos rigorosas, segundo Proença (2000, p. 218) em seu livro História da Arte, “No final do século, os pintores nacionais começaram a seguir novas direções, principalmente os artistas que vão à Europa e entram em contato com os movimentos Impressionistas e Pontilista”. Com isso os artistas foram se apropriando de novas ideias e conceitos em relação à arte. Pois neste período, na Europa surgem novas tendências artísticas e os artistas viajantes, brasileiros, acabavam adquirindo esses novos conceitos, trazendo - os ao Brasil.

Com a abolição da escravidão em 1888 e a queda da Monarquia em 1889, há uma aproximação dos ideais do liberalismo americano e do positivismo francês na política, com isso surgem novas leis da educação e a reforma do ensino republicano em 1890. O ensino do desenho é incluído no currículo e torna-se obrigatório no ensino primário e secundário, “visando preparar o aluno para o trabalho e contribuir para seu aperfeiçoamento intelectual” (MOSANER E STORE, 2007, p. 147). Neste momento o ensino da arte não tinha uma preocupação com a arte em si e muito menos com o conteúdo da história da arte, a obrigatoriedade do desenho é vista como uma preparação para o trabalho,

essa visão ainda não havia sido superada e por um bom tempo continuará na história do ensino de arte como veremos a seguir.

O liberalismo não só influenciou a política, mas também a educação, seu maior idealizador no Brasil foi Rui Barbosa. Suas ideias são compostas pela concepção pedagógica, em que o ensino do desenho era fundamental com ênfase maior no currículo na fase secundária e mais ainda na primária. Suas ideias permearam até os primeiros anos do século XX. Segundo Barbosa (2002 p. 44):

Sua teoria política liberal se dirigia para a função prática de enriquecer economicamente o país. Esse enriquecimento só seria possível através do desenvolvimento industrial, e a educação técnica e artesanal do povo era por ele considerada uma das condições básicas para este desenvolvimento.

Para Rui Barbosa “a educação artística seria uma das bases sólidas para a educação popular”, pretendia inserir na educação do Brasil o modelo americano de ensino de arte, com isso o desenho seria obrigatório no ensino secundário, sendo influenciado também pelo teórico Walter Smith, o qual Rui Barbosa toma como referência para produzir o Parecer sobre o Ensino Secundário em 13 de abril de 1882. Este parecer foi usado na escola até a metade do século XX aproximadamente, e as ideias de Walter Smith ficaram marcadas na educação por quase 30 anos.

Rui Barbosa via o Desenho como um instrumento para alcançar o esperado desenvolvimento industrial, pois havia como exemplo o ensino do desenho geométrico da América do Norte, o qual obteve sucesso relacionado aos produtos industriais, assim há um interesse em educar o povo para a indústria.

No início do século XX houve uma grande preocupação com a obrigatoriedade do ensino de artes no ensino primário e secundário. Neste mesmo século o desenho ainda era a forma de inserção do ensino de artes nas escolas e vinha de uma tradição voltada para o aprendizado do desenho para o

trabalho industrial. Mas com o tempo essa visão foi tomando outro sentido, segundo Barbosa (2002, pag. 34) “[...] orientaram no sentido de considerá-lo mais uma forma de escrita que uma arte plástica”. Barbosa (2002, p. 36) ainda afirma:

Esta identificação do Desenho com a escrita ultrapassou as barreiras do modernismo, foi argumento não só para tentar vencer o preconceito contra a Arte como também argumento para demonstrar que a capacidade para desenhar era natural aos homens ou, pelo menos, acessível a todos e não um dom ou vocação excepcional.

Mesmo que o ensino de arte ainda esteja focado no Desenho, começam a surgir novas abordagens referentes ao ensino de arte na escola, voltadas às novas instâncias e objetivos com o intuito de construir uma mudança de olhar sobre o ensino da arte na educação brasileira.

Durante o século XX acontecem várias mudanças na sociedade decorrentes de relações econômicas, sociais, culturais e pedagógicas que interferem na educação. A economia do país estava passando por um período de declínio por conta da crise do café em 1929, trazendo com ela vários problemas no governo. Em relação à cultura a Semana de 22 teve seu grande marco, e renovou não só a produção de arte no país como também influenciou no ensino da arte. Na educação surgiu um interesse de mudança no qual alguns educadores propuseram, segundo Mosaner e Store (2007, p. 147): Uma escola pública, laica e gratuita como meio de combater ou minimizar as desigualdades sociais, divulgam o Manifesto da Escola Nova, em 1932. Entre os assinantes desse documento encontramos educadores importantes como Anísio Teixeira (1900-1971), Fernando de Azevedo (1894-1974) e Cecília Meirelles (1901-1964).

No movimento da Escola Nova o ensino de arte foi voltado para as ideias de alguns teóricos da educação, principalmente Victor Lowenfeld. Com isso há

uma quebra dos modelos tradicionais do ensino, a livre expressão é inserida nos novos métodos e o ensino de arte acaba saindo da forma rígida tradicional na qual era mantido até então.

Com isso surgem novas abordagens no ensino de arte, como a Pedagogia Nova conhecida também como movimento escolanovismo resultante do manifesto da Escola Nova de 1932 que defendia uma escola pública obrigatória a toda a população independente de sua classe social. Na Escola Nova o ensino de arte era voltado para a expressão, segundo Ferraz e Fusari (2009, p. 47) “a preocupação com o método, com o aluno, seus interesses, sua espontaneidade e o processo do trabalho caracterizam uma pedagogia essencialmente experimental e psicológica”. Assim a metodologia da Escola Nova era voltada às ideias da psicologia e ao desenvolvimento expressivo do aluno, e teve como grande influência os teóricos John Dewey, Viktor Lowenfeld, Herbert Read, além de ser totalmente contrária aos ideais da pedagogia tradicional. O movimento modernista também teve grande influência na Escola Nova, pois defendiam a livre expressão como um elemento para formação artística e estética.

Houve ainda mudanças no currículo em relação ao ensino de arte com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira n. 4024 de 20 de Dezembro de 1961, segundo Ferraz e Fusari (2009, p. 50) “a arte deixa de ser compreendida como um campo preferencial de saberes sistematizado e, como as demais, tornam-se uma prática para aprimorar a personalidade e hábitos adolescentes”. Dez anos depois veio à lei, LDB nº 5692/71 com ela o ensino das outras linguagens da arte, como as disciplinas de música, artes plásticas, artes cênicas e desenho, são excluídas e o ensino de arte passa a ser nomeado como Educação Artística, sendo obrigatória no currículo escolar do 1º e 2º grau.

Apesar da tentativa de reforma e melhoria, ocorre uma demora em relação à mudança de visão relacionada ao próprio ensino de arte, a disciplina ainda não é vista como uma disciplina importante no contexto escolar, aliás, a visão do ensino de arte ainda estava vinculada como atividade, havendo uma

desvalorização da mesma. Neste momento segundo Ferraz e Fusari (2009, p. 52) “pouco se preocupavam com o conhecimento de linguagens artísticas, que se transforma em meras atividades”. A história da arte até o momento nem é citada, esse é um momento em que o próprio ensino de arte está se encontrando e passando por diversos problemas, principalmente em relação à formação do professor.

Com estas mudanças no contexto educacional, ocorrem outras problemáticas, os professores precisavam ser preparados para exercer este ensino com qualidade, mas não havia estrutura e nem muitos cursos específicos nas universidades, assim começam a surgir algumas dificuldades, pois os professores não possuíam preparo e experiência para exercer com domínio todas as linguagens artísticas exigidas no ensino de arte.

Neste período surge a Pedagogia Tecnicista, a partir dos anos 70 a abordagem toma forma e cresce no país. Essa abordagem adota como referência novamente as orientações da educação tradicional e escolanovista. Segundo Ferraz e Fusari (2009, p. 52):

Na Pedagogia Tecnicista o professor tende a ser responsável por seu planejamento, que deve se mostrar competente e incluir os elementos curriculares essenciais: objetivos, conteúdos, estratégias, avaliação. A dinâmica do ensino e da aprendizagem não é questionada, pois o elemento principal é o sistema técnico de organização da aula e do curso. Os processos de ensino eram voltados ao mecanicismo e a base técnica era muito utilizada.

Segundo Pessi (1994, p. 27) a Pedagogia Tecnicista tinha como propostas metodológicas “a cópia, desenho geométrico, educação através da arte e livre expressão”.

Contudo, houve uma escassez de bases teóricas, os professores abraçavam os materiais didáticos como única ferramenta de orientação para o ensino, com isso houve uma fragilidade metodológica consistindo num ensino equivocado de arte.

Novas abordagens surgem no contexto educacional, com o intuito de renovar a educação em arte em relação às práticas sociais, dentre elas a Pedagogia Libertadora, Pedagogia Libertária e Pedagogia Histórica Crítica.

A primeira toma forma na educação da arte com a proposta de Paulo Freire. Para ele o homem simples também possuía cultura, mas à sua maneira, assim o professor deveria estar ciente de todo o diferencial cultural da sociedade em que está inserido. Segundo Ferraz e Fusari (2009, p.54), “Somente considerando o local onde se dá a vida para essas pessoas é que se torna possível um trabalho de educação conscientizadora”. O que se entende é que a educação passa a ser voltada para a conscientização do povo em relação à cultura e costumes locais do meio em que vivem de acordo com sua diversidade social. Com isso sua educação tinha como base a relação e diálogo entre professor e o aluno, com igualdade.

Já a Pedagogia Libertária era voltada para a independência teórica e metodológica, livres da influência social. E por fim, a Pedagogia Histórico – Crítica, que surgiu nos anos 80, tinha a intenção de preparar o aluno para a vida social, para a participação ativa na sociedade. Neste contexto a educação deveria adotar o ensino do conhecimento adquirido do aluno e para a produção voltada para a humanidade, levar o aluno a exercer sua cidadania, sendo consciente, crítico e participativo.

È observado neste estudo histórico apresentado até o momento que a história da arte não é citada nas abordagens de ensino de arte como conteúdo, pois toda a importância do aprendizado era voltada para o desenho, seja ele geométrico ou livre. A preparação do aluno para o desenvolvimento industrial era mais válida e importante, a educação estética não tinha nenhuma importância. Em relação ao contexto histórico apresentado, o ensino da história da arte só teve espaço na Academia, mas era especialmente para a formação de artistas. Mas sabe-se que hoje essa visão está um tanto mudada no que se refere ao ensino da história de arte, como veremos a seguir.

Depois de toda essa breve visão histórica do ensino de arte no Brasil, e de observar toda a influência que o ensino da arte sofreu, desde relações políticas, sociais e culturais, pois o Brasil foi construindo sua cultura e história junto com a educação, chegamos ao ensino de artes dos anos 80, 90 e na contemporaneidade.

Nos anos 80 começam a surgir associações de professores e pesquisadores do ensino de arte, ajudando a formar novos conceitos em relação ao ensino e aprendizagem de arte na educação. Nessa perspectiva de ação em Congressos Nacionais e Internacionais, há a busca de um ensino valorizado e obrigatório, com isso conseguiram incluir a arte nos currículos das escolas e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996.

A partir de 1990 surgem leis que fomentam uma melhoria para o ensino de arte, nas quais começaram exigir novos seguimentos para o ensino. Uma delas é a Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei nº 9.394 (Brasil, 1996) e novas abordagens pedagógicas, como a Proposta Triangular, surgem voltados para uma educação em arte mais renovada, e dentro dela a história da arte possui um espaço importante.

A Proposta Triangular inserida no Brasil por Ana Mae Barbosa é a teoria pedagógica que mais parece dar importância ao ensino da história da arte. Sendo assim, serão abordadas algumas reflexões no que diz respeito ao ensino deste conteúdo dentro da Proposta Triangular e alguns fundamentos teóricos do ensino da história da arte.

Começou a ser difundida no Brasil no período dos anos 90, partindo de estudos feitos por Ana Mae no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. A partir disto foi amplamente aceita e desenvolvida até hoje em estudos científicos e nos currículos.

A metodologia utilizada no Museu para o ensino da arte era associada à história da arte, o fazer artístico, e a leitura da obra de arte. O princípio desses temas é definido da seguinte maneira, segundo Barbosa:[...] leitura envolve análise crítica da materialidade da obra e princípios estéticos ou semiológicos,

ou gestálticos ou iconográficos. A metodologia de análise é de escolha do professor, o importante é que obras de arte sejam analisadas para que se aprenda a ler imagem e avalie-la; esta leitura é enriquecida pela informação histórica e ambas partem ou desembocam no fazer artístico. (2001, p. 37)

No que se refere à história da arte, Ana Mae aponta que o conteúdo auxilia o aluno a compreender “algo do lugar e tempo nos quais as obras de arte são situadas” e ainda aponta, “nenhuma forma de arte existe do vácuo, parte do significado de qualquer obra depende do entendimento do seu contexto”. Sendo assim o estudo da história da arte, aproxima o aluno da compreensão do contexto na qual cada obra ou período estudado se situa, para tanto, a estética ajuda esclarecer e compreender melhor o que é visto dentro dos conteúdos da história da arte.

A história da arte na metodologia Triangular não é abordada de uma forma totalmente linear, e sim é pensada para contextualizar o artista e sua arte no meio sociocultural. Ana Mae aponta a importância de conhecer os princípios de cada estilo e movimento artístico, e as relações sejam no meio social, político e cultural. Mas afirma, “cada geração tem direito de olhar e interpretar a história de uma maneira própria, dando um significado à história que não tem significação em si mesma” (2001, p.38). Ou seja, cada pessoa possui a liberdade de interpretar as relações da história da arte a sua maneira, partindo também de seu meio social e cultural. Mas é importante compreender que: Na história da arte o objeto do passado está aqui hoje. Podemos ter experiência direta com a fonte de informação, o objeto. Portanto, é de fundamental importância entender o objeto. A cognição em arte emerge do envolvimento existencial e total do aluno.

Para entender o objeto, necessita do estudo de seus conceitos, e logo a sua apreciação. Ana Mae aponta que a história da arte não pode estar apartada da “apreciação da obra”, ou seja, elas precisam ser trabalhadas em conjunto, pois elas se complementam.

Em relação ao currículo, cita a importância de introduzir nele os princípios da proposta Triangular, o fazer artístico, a história da arte e a análise da obra de arte, pois para Barbosa: Um currículo que interligasse o fazer artístico, a história da arte e a análise de arte estariam se organizando de maneira que a criança, suas necessidades, seus interesses e seu desenvolvimento estariam sendo respeitados e, ao mesmo tempo, estaria sendo respeitada a matéria a ser aprendida, seus valores, sua estrutura e sua contribuição específica para a cultura. (2001, p.35)

Observamos que seria ideal que o currículo estivesse ligado amplamente com estes princípios da proposta triangular mostrando interesse no valor do ensino de arte, pois assim o conteúdo e a disciplina de arte reafirmariam sua importância na educação escolar.

Porquanto, esse estudo proporcionou a compreensão dos principais aspectos do contexto histórico do ensino de arte e fundamentos do ensino da história da arte focando na Proposta Triangular, pois é uma abordagem muito utilizada hoje nos documentos referenciais para o ensino de arte e no que diz respeito ao ensino da história da arte, pois traz reflexões importantes.

A partir disso, foi possível entender e analisar o processo de mudança no contexto educacional em todas suas instâncias no que se refere ao conteúdo de arte, sendo importante para chegar ao ensino de arte na contemporaneidade.



MÓDULO II – A ARTE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

2. A ARTE E A EDUCAÇÃO

Artes... Quantas vezes já ouvimos a expressão "as crianças estão fazendo arte". Na escola não é diferente: quanta imaginação e criatividade ao inventar coisas novas e ao expressar sentimentos e manifestar diferentes formas de entender a vida. Acontece que nós, os professores, geralmente pensamos que

escola é lugar de conversa séria, e então "cortamos o mal pela raiz". É forte a tendência de entregar tudo pronto, direcionar... para que tudo saia bonito.¹

Apesar de ser difícil de mudar, nota-se que alguns "arteiros" de alma ousam mudar, e estão conseguindo. Estas pessoas entendem que o ensino da arte, e a presença da arte na escola cumpre um papel fundamental que vai além da execução de uma simples disciplina curricular.²

O objetivo principal é fazer com que o aluno se torne participante da sociedade em que ele vive, que ele possa criar, pensar, sentir o mundo que o rodeia e que possa expressar isto não apenas por meio de palavras, mas por outras linguagens, que às vezes expressam muito mais o que se passa no interior da pessoa. E estes tipos de linguagens são as Artes Visuais, a Dança, a Música e o Teatro. São uma infinidade de formas com as quais os alunos podem falar dos seus sonhos, dos seus medos, dos problemas sociais e políticos com os quais estão envolvidos, e assim por diante.³

A única forma de ensinar arte é ensinar a ver e sentir a vida e de procurar expressá-la. Por isso, o encontro com a arte que há em si mesmo e que existe em todas as pessoas, desenvolve no aluno uma sensibilidade e um olhar refinado para com o cotidiano que o cerca. Ou seja, a arte ensina a se ter um olhar poético da vida. É uma forma de integrar o concreto e o virtual, o sonho e a realidade, numa paulatina construção da identidade e da consciência.⁴

Além deste autoconhecimento, a presença da arte na escola possibilita uma infinidade de trocas culturais entre os próprios alunos e com diferentes povos, pelo fato de se ter acesso a diferentes produções artísticas e poder analisá-las de forma crítica. Dessa forma o aluno irá perceber que diferentes valores orientam a vida dele, dos seus colegas e de um povo.⁵

¹ A arte na escola. Itcak, Edina Pischaraka

² idem

³ idem

⁴ A arte na escola. Itcak, Edina Pischaraka

⁵ idem

Então, não criemos barreiras na "arte" que existe nos alunos. A arte é sinônimo de vida que pulsa e que se deixa manifestar como que em prolongamentos da alma.⁶

Entre os anos 20 e 70 muitas escolas brasileiras viveram também outras experiências no âmbito do ensino e aprendizagem de arte. O ensino de arte volta-se para o desenvolvimento natural do aluno, centrado no respeito às suas necessidades e aspirações, valorizando suas formas de expressão e de compreensão do mundo.

A arte na escola já foi considerada matéria, disciplina, atividade, mas sempre mantida à margem das áreas curriculares tidas como mais "nobres" curriculares menos privilegiado corresponde ao desconhecimento, em termos pedagógicos, de como se trabalhar o poder da imagem, do som, do movimento e dar percepção estética como fontes de conhecimento.

No entanto, o resultado dessa proposição foi contraditório e paradoxal. Muitos professores não estavam habilitados e, menos ainda, preparados para o domínio de várias linguagens, que deveriam ser incluídas no conjunto das atividades artísticas (Artes Plásticas, Educação Musical, Artes Cênicas), configurando-se a formação do professor polivalente em arte. A implantação da Educação Artística abriu um novo espaço para a arte, mas ao mesmo tempo percebeu-se que o sistema educacional vinha enfrentando dificuldades de base na relação entre teoria e prática em arte e no ensino e aprendizagem desse conhecimento.

Nos primeiros anos de implantação, os professores de Educação Artística foram capacitados em cursos de curta duração e tinham como única alternativa seguir documentos oficiais (guias curriculares) que apresentam listagem de atividades e livros didáticos em geral, que não explicitavam fundamentos, orientações teórico-metodológicos, ou mesmo bibliografias específicas. As faculdades que formavam para Educação Artística, criadas na época, não

⁶ idem

estavam instrumentadas para a formação mais sólida do professor, oferecendo cursos eminentemente técnicos sem bases conceituais.

Nessas situações, os professores tentavam equacionar um elenco de objetivos inatingíveis, com atividades múltiplas, envolvendo exercícios musicais, plásticas, corporais, sem conhecê-los bem. A partir dos anos 80 constitui-se o movimento de organização de professores de arte, inicialmente com a finalidade de conscientizar e integrar os profissionais, resultando na mobilização de grupos de educadores, tanto da educação formal como não formal.

Acompanhando o processo de democratização no país, na década de 80 aumentam as participações dos professores em associações e reflexões sobre a área, aliados aos programas de pesquisas de cursos de pós-graduação, o que faz surgir novas concepções e metodologias para o ensino e a aprendizagem de arte nas escolas. Com a Lei Nº 9.394/96, revogam-se as disposições anteriores e a arte é considerada obrigatória na educação básica: "O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos" (artigo 26, parágrafo 2º). É com esse cenário que se chega ao final dos anos 90, mobilizando diferentes tendências curriculares em artes.

Nas décadas de 80 e 90, desenvolveram-se muitas pesquisas, entre as quais se ressaltaram as que investigam o modo de aprender dos artistas, das crianças e dos jovens. Tais trabalhos trouxeram dados importantes para as propostas pedagógicas, que consideram tanto os conteúdos a serem ensinados quanto os processos de aprendizagem dos alunos. É uma educação estética que não propõe apenas o código hegemônico, mas também a apreciação de cânones de valores de múltiplas culturas, do meio ambiente imediato e do cotidiano. O processo da Abordagem Triangular teve início na década de 1980 e foi sistematizada no período de 1987/1993 no Museu de Arte Contemporânea (MAC) da USP.

Essa proposta surge da necessidade de uma prática de ensino pós-moderno de arte e da procura de uma alternativa para prática de livre expressão do ensino moderno de arte que já não corresponde às inúmeras tendências e aspectos da realidade contemporânea. A Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa é hoje a principal referência do ensino da arte no Brasil. Essa proposta procura englobar vários pontos de ensino/aprendizagem ao mesmo tempo, entre os principais estão: leitura da imagem, objeto ou campo de sentido da arte (análise, interpretação e julgamento), contextualização e prática artística (o fazer) As práticas de ensino de Arte apresentam níveis de qualidade tão diversificados no Brasil que em muitas escolas ainda se utiliza, por exemplo, modelos estereotipados para serem repetidos ou apreciados, e empobrecendo o universo cultural do aluno.

Em outras, ainda se trabalha apenas com a auto expressão sem introduzir outros saberes de arte. A polivalência ainda se mantém em muitas regiões. Por outro lado, já existem professores preocupados em também ensinar história da arte e levar aluno a museus, teatro e apresentações musicais ou de dança. O conhecimento da arte abre perspectivas para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente; a arte ensina que nossas experiências geram um movimento de transformação permanente, que é preciso reordenar referências a cada momento, ser flexíveis. Isso significa que criar e conhecer são indissociáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender.

Ao aprender arte na escola, o jovem poderá integrar os múltiplos sentidos presentes na dimensão do concreto e do virtual, do sonho e da realidade. Tal integração é fundamental na construção da identidade e da consciência do jovem, que poderá assim compreender melhor sua inserção e participação na sociedade. É importante que os alunos compreendam o sentido do fazer artístico, ou seja, entendam que suas experiências de desenhar, cantar, dançar, filmar, vídeo gravar ou dramatizar não são atividades que visam a distraí-los da "seriedade" das outras áreas.

Sabe-se que, ao fazer e conhecer arte, o aluno percorre trajetórias de aprendizagem que propiciam conhecimentos específicos sobre sua relação com o mundo. Além disso, desenvolvem potencialidades (como percepção, observação, imaginação e sensibilidade) que podem contribuir para a consciência do seu lugar no mundo para a compreensão de conteúdos das outras áreas do currículo.

O importante neste estágio atual da educação brasileira é que os professores que se dispuserem a ensinar arte tenham um mínimo de experiências prático-teóricas interpretando, criando e apreciando arte, assim como exercitem a reflexão pedagógica específica para o ensino das linguagens artísticas. E para isso é necessário haver cursos de especialização, cursos de formação contínua, nos quais possam refletir e desenvolver trabalhos com a arte.

Sem uma consciência clara de sua função e sem uma fundamentação consistente de arte como área de conhecimento com conteúdos específicos, os professores não podem trabalhar. Só é possível fazê-lo a partir de um quadro de referências conceituais e metodológicas para alicerçar sua ação pedagógica, material adequado para as práticas artísticas e material didático de qualidade para dar suporte às aulas

3. ARTE COMO CONHECIMENTO E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

As promessas do infinito assemelham-se às possibilidades de leituras ensejadas pelos símbolos, pelas imagens, pelos sons e pelos movimentos em suas diversas formas de expressão. As portas abrem-se para o mundo, através das artes. Compreender seu discurso é ampliar as dimensões da existência. Como toda expressão do homem, a obra de arte pode ser ou não compreendida,

às vezes instigando-nos a ir além, outras, negando-nos o benefício do prazer, da entrega ao seu universo próprio.

Se a esse desafio devemos responder enquanto professores e se nossa entrega merece ser compartilhada porque ser professor é pertencer a um contexto coletivo. Em defesa de uma formação cultural que fortaleça o papel mediador do professor, indica-se sua aproximação com a arte. Participando de sua vida, a arte possibilita ao educador construir uma prática pedagógica em que conhecimento, imaginação e expressão conjugam-se dinamicamente, beneficiando o desempenho do estudante, favorecendo o desenvolvimento da imaginação e das habilidades, o exercício da criatividade, do senso crítico e da melhor absorção do conteúdo das aulas.

Ser professor, na concepção de Tomás, não é se tornar um produto acabado, chegar a um estado final, mas um permanente tornar-se professor, um processo evolutivo, ao longo do qual as experiências vão ganhando mais significado, o que geralmente se faz acompanhar de um maior envolvimento pessoal por parte do professor (1987, p. 265). Nesse processo evolutivo, em que sentimos e percebemos a força da intersubjetividade, em que valorizamos e acreditamos, sentimos e expressamos, a arte como elemento formativo do conhecimento sensível Rubens Alves afirma: "A educação se divide em duas partes: educação das habilidades e educação das sensibilidades...Sem a educação das sensibilidades, todas as habilidades são tolas e sem sentido".

Para sua formação, sua prática e sua competência o docente envolve-se em dimensões e compromissos relativos ao conhecimento sensível. A respeito desse conhecimento, Karel Kosik (2002) apresenta uma ideia de arte que parte da compreensão da expressão artística em sua relação com a sociedade, com o artista, com o contexto. Esse tipo de conhecimento contribui para que ele disponha de uma visão da arte e de suas manifestações, de suas potencialidades e problemas. Em apreciações estéticas, construídas no coletivo e em parceria, engajado no fazer e apreciar a arte encontrará possibilidade de buscar uma

competência pedagógica coerente e mesmo de oferecer consistência às questões relativas à área de sua especialidade.

O pressuposto de que a arte favorece o exercício crítico e criativo dos professores, permitindo que redefinam e recriem a própria prática, foi o ponto de partida desta reflexão.

4. ARTE E ESTÉTICA

É bastante claro que desde a antiguidade grega, o tema da estética tem sido vinculado de forma geral, embora não de maneira exclusiva, à discussão da arte, da sua natureza e origem. Isso permite afirmar que a história das ideias estéticas está associada à história da arte ou, mais precisamente, da filosofia da arte. Visto sob essa perspectiva, a estética seria uma característica da arte, existindo uma íntima relação, de um lado, entre o que pode ser denominado objeto estético e o que se entende por objeto artístico ou obra de arte; e, de outro lado, entre sentimento estético e fruição artística.

O sentido estético constituiria assim uma experiência tanto do autor da obra de arte ou artista quanto do receptor ou espectador dessa obra, embora em níveis diferentes. No primeiro caso, a obra de arte é a projeção externa ou objetiva da experiência estética subjetiva do artista. No processo de educação do olhar, e em todo processo de ensino/aprendizagem, a postura do(a) educador(a) na mediação de leituras de imagens deve sempre partir de uma abordagem problematizadora instigando o olhar, a reflexão respeitando as interpretações e julgamentos dos(as) educandos(as), o educador(a) não é dono do saber e da verdade e deve estimular e respeitar a autonomia dos(as) educandos(as).

A contextualização de uma leitura de obra de arte não tem a obrigatoriedade de limitar-se a biografia do artista ou a história da arte, mas é importante esclarecer que também não as negamos quando estas se fazem necessárias para facilitar a análise da imagem. Já a partir do fazer artístico

espera-se proporcionar uma vivência e experiência durante toda a produção tornando o processo de ensino/aprendizagem completo e significativo para os(as) educandos(as) aplicando na prática os conceitos estéticos e poéticos abordados durante a leitura e contextualização.

5. ARTE ENQUANTO CONHECIMENTO

Neste sentido, defende-se que o conhecimento sensível por meio da arte se constitui na relação que o professor possa ter com a arte na condição de produtor ou de leitor/apreciador dela. Assim, a característica da comunicação estética é a de que ela acontece no ato da criação de uma obra artística em constantes recriações por meio da criação dos leitores/apreciadores.

Como produto da criação do trabalho que é datado histórica e socialmente, a arte porta características e possibilidades da vida humana em sociedade, pois "no processo criativo frutivo constitui fonte de humanização e educação do homem". Como uma das formas de expressão da realidade humana ao ser produzida, a arte.

A arte é atividade de criação livre do pensamento à medida que, enquanto trabalho, é um agir humano objetivo e intencional que transforma a natureza e nela inscreve significado, criando a realidade humano-social. É pelo agir humano objetivo, em processo, que é criado o real pressuposto da liberdade. Os professores, ao desenvolverem o conhecimento sensível, aperfeiçoam suas relações interpessoais, em espaços de fruição ou cenários de construção da expressividade humana.

A arte e o artista como realidades concretas estimulam o imaginário da existência humana. Ao integrá-los a sua experiência de vida, o professor também passa a integrar diferentes conhecimentos, transformando-os em comportamentos passíveis de serem transmitidos e apreendidos. Estará desse modo comunicando suas ideias, seu conhecimento sensível sobre o mundo que

o cerca e realizando a mediação entre as instâncias de criação e os alunos. Com este texto, desejou-se apresentar a ideia de que a arte não está distante da vida das pessoas. É desta vida, destes contextos, destas relações que arte nos fala. Sensibiliza-nos na medida em que nos vemos, vemos os outros e nosso contexto social.

Assim, embora a arte contemporânea nos remeta a pensar um tempo e um lugar no qual a arte enquanto mercadoria perde sua relação mais próxima com o seu produtor, ela se transforma e ocupa outros lugares que precisam ser observados, estudados e compreendidos. Ai reside à função mediadora do professor, numa concepção que transcende a ideia de um mero transmissor de coisas, mostrando-o como um transformador.

Neste sentido, pensar o conhecimento por meio da arte é pensar um conhecimento que é individual, mas ao mesmo tempo social, pois o social está em cada indivíduo. A práxis é humana, coletiva e social.com esse pressuposto, parte-se em que o saber se faz através de uma superação constante e que concebe tanto os professores quanto os alunos como aprendizes contínuos, "sujeitos de sua própria educação" (FREIRE, p. 28-29).

Para Ramos-de-Oliveira os educadores precisam encaminhar seus esforços para os espaços além das paredes das salas de aula, devendo ganhar as ruas e os meios de comunicação estender-se "a todos aqueles que se comprometem com a resistência à barbárie e ao vaio, a todos que lutam pela emancipação da humanidade. Assim, estaremos trazendo o diálogo socrático e a fruição artística à realidade efetiva" (2001, p. 59).

6. OS PERIGOS DA AVALIAÇÃO

Uma das consequências imprevisíveis de qualquer teoria são as deturpações que ela pode sofrer. Há várias baterias de testes curtos que afirmam avaliar as inteligências, mas elas tendem a ser fortemente linguísticas e muitas vezes confundem um interesse numa inteligência como uma habilidade

demonstrada naquela inteligência. Estes testes simplesmente multiplicam por sete ou oito os pecados dos testes de inteligência originais (ou o pecado original do teste de inteligência).

Outro perigo da "mentalidade avaliatória" é a tendência a rotular a criança (e outras pessoas) como "linguística", ou "espacial", ou "nada musical", ou mesmo como "deficiente interpessoal". Esta tendência não é totalmente condenável. A criança tem atração pela ideia de inteligências múltiplas, que envolve atividades divertidas e tem um alcance muito maior do que a de uma única inteligência. (neste ponto, a criança é mais esperta que o avaliador). Ademais, os sistemas categóricos podem levar a uma reflexão pessoal, o que pode ser produtivo.

Mas os riscos da rotulação são patentes. Os rótulos podem ser estimulantes, mas também são limitadores. Ninguém gosta de ser chamado de "burro" por ter QI baixo, mas o rótulo "espacial, mas não linguístico" também pode ser prejudicial.

Além disso, rotular inteligências envolve duas suposições errôneas: (1) sabemos exatamente como avaliar as inteligências e (2) a determinação de uma inteligência é um julgamento duradouro. Se me pedissem para avaliar as inteligências de uma pessoa, eu não ficaria satisfeito até conseguir observá-la solucionando problemas e produzindo em vários cenários. Isto não costuma ser exequível.

E, mesmo que fosse nada me garantiria que o perfil das inteligências permaneceria o mesmo um ou dois anos depois. Na verdade, quando se muda radicalmente a rotina diária de alguém, pode-se mudar seu perfil de inteligência. Os objetivos e os procedimentos didáticos devem ser considerados em conexão com os conteúdos e os modos de aprendizagem dos alunos. Ao avaliar, o professor precisa considerar a história do processo pessoal de cada aluno e sua relação com as atividades desenvolvidas na escola, observando os trabalhos e seus registros (sonoros, textuais, audiovisuais, informatizados).

O professor deve guiar-se pelos resultados obtidos e planejar modos criativos de avaliação dos quais o aluno pode participar e compreender: uma roda de leitura de textos dos alunos ou a observação de pastas de trabalhos executados no computador podem favorecer a compreensão sobre os conteúdos envolvidos na aprendizagem.

Os alunos devem participar da avaliação de processo de cada colega, inclusive manifestando seus pontos de vista, o que contribuirá para ampliar a percepção do processo de cada um em suas correlações artística e estéticas. Aprender ao ser avaliado é um ato social em que a sala de aula e a escola devem refletir o funcionamento de uma comunidade de indivíduos pensantes e responsáveis que conhecem sua posição na relação com outras comunidades jovens.

Cabe à escola promover também situações de auto avaliação para desenvolver a reflexão do aluno sobre seu papel de estudante. É interessante que a auto avaliação seja orientada, pois uma estrutura totalmente aberta não garantirá que o aluno do ensino fundamental reconheça os pontos relevantes de seu percurso de aprendizagem. Dentro de um roteiro flexível, o aluno poderá expressar suas ideias e posteriormente comparar, reconhecer semelhanças e diferenças entre suas observações e as dos colegas.

Quanto aos conteúdos trabalhados, a avaliação poderá ser feita por meio de imagens, dramatizações ou composições musicais articuladas pelos alunos, assim como por pequenos textos ou falas. O professor deve observar se o aluno articula uma resposta pessoal com base nos conteúdos estudados, que apresente coerência e correspondência com sua possibilidade de aprender. Uma situação de aprendizagem pode consolidar uma situação de avaliação e o inverso também é verdadeiro.

A avaliação em arte constitui uma situação de aprendizagem em que o aluno pode verificar o que aprendeu retrabalhar os conteúdos, assim como o professor pode avaliar como ensinou e o que seus alunos aprenderam. Cada aluno ou grupo articulará os conteúdos aprendidos seguindo suas

representações pessoais, nas quais os relaciona como pode assimilar. A reapresentação dos conteúdos aprendidos, seja na forma de linguagem ou nas ações, revela, entre outras coisas, os modos e possibilidades de interpretação do estudante. Assim sendo, não podemos esperar que os alunos reproduzam os conteúdos aprendidos.

Na realidade, as reapresentações são construções poéticas e conceituais dos alunos, nos quais subjetividade e cultura estão entrelaçadas. A avaliação pode remeter o professor a observar o seu modo de ensinar e apresentar os conteúdos e levá-lo a replanejar uma tarefa para obter aprendizagem adequada. Portanto, a avaliação também leva o professor a avaliar-se como criador de estratégias de ensino e de orientações didáticas.

Dois situações extremas costumam chamar a atenção sobre os critérios de avaliação: quando todos os alunos sempre vão bem e quando todos sempre vão mal. Nos dois casos é bom repensar sobre os modos de ensinar e as expectativas em relação aos resultados.

Portanto a partir do que é pensada, a importância do ensino da arte, em todo os períodos de formação do aluno como protagonista do novo, o cidadão pensante que adquirir conhecimento para interagir, transformar e mudar o espaço e a vida ao seu redor, é de fundamental importância quando se leva em questão o conhecimento trazido por este indivíduo, somado aos conhecimentos dos outros e em contatos com novos conhecimentos como meio de ampliar, difundir e adquirir técnicas, conhecimento e estilo de arte.

A arte é a educação da sensibilidade do ser humano. A partir da educação dessa parte sensível, ele torna-se capaz de sempre ser um novo ser, aberto as mudanças. A arte pode ser usada por qualquer disciplina, desde que haja um planejamento prévio e descobrindo o real valor do uso dessa ferramenta maravilhosa, poderemos perceber o salto que daríamos no processo de ensino-aprendizagem.

Precisamos fazer esse resgate para compreendermos que a arte não está dissociada da vida, não é algo ou objeto de estudo distante, privilégios de

poucos. Arte é vida, é a representação da vida, do espaço, do corpo, das mudanças. É necessária a compreensão maior do que venha ser arte, de profissionais qualificados para o ensino da arte, de arte educadores comprometidos em educar " as dores", os anseios e perceber que temos no ensino da arte um material riquíssimo de educação. Fazer o aluno pensar, sentir e agir como ser sensível, suscitar em si o ser criador, transformador de realidades.



MÓDULO III – A ARTE NA EDUCAÇÃO ESCOLAR EM DIFERENTES FASES ESCOLARES

7. ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A Educação em Arte no ensino infantil tem um papel primordial envolvendo os aspectos reflexivos, sensíveis, expressivos e culturais. Mas,

primeiramente, podemos iniciar essa discussão comentando sobre a formação do Professor de Arte.

Podemos, então, questionar: como vai a formação do professor de Arte? Como está sendo preparado o professor, no papel de orientador das práticas expressivas e sensíveis, para esse ensino? Não que, a resposta para essa questão seja a proposta dessa unidade, mas um conhecimento relevante para as questões do ensino da Arte se faz necessário. Assim, o professor passou a ser objeto de pesquisa em produções acadêmicas. Hoje, reflete-se, entre outros debates, sobre a prática acadêmica e a autonomia do professor, para que venha a ser, em especial o professor de Arte, o educador que propicia a formação cultural, no ensino escolar, por meio das linguagens artísticas e das expressões plásticas, cênicas ou musicais.

É bastante significativo, o professor de arte entenda que sair da sala de aula e não ficar isolado entre as paredes da escola facilitaria a sensibilização da criança nos processos expressivos e culturais. Sugere-se então, interagir com os espaços culturais, museus, e outras instituições que produzem esse tipo de saber, para “buscar” os conteúdos apropriados para o ato de “brincar aprendendo”, com liberdade cognitiva na expressão dos sentimentos.

Desse ato de “brincar” por meio do ensino da arte, conduz a criança a vivenciar-se, perceber-se e reconhecer-se, estimulando a sua natureza, elevando a autoestima, e fazendo com que reconheça o seu valor. O brincar e experimentar na arte, assim como experimentar vários materiais não estruturados – sucatas, cacos e outros elementos de composição – criam situações planejadas não fixas, alteradas em seu próprio movimento, criando possibilidades da emersão do talento artístico, tornando o espaço escolar num espaço de experimentação, que educa e transforma. A experiência transformadora pode ser iniciada pela pintura, livro, desenho, música, teatro, dança, tecnologia ou todo qualquer impulso que diz “heureca”. A arte pode ser utilizada como estratégia para atingir esse caminho e um bom Professor de Arte

tem a capacidade de colocar a criança nesse lugar – no espaço de experimentação.

A arte faz parte da vida da criança como instrumento de leitura do mundo e de si mesma. Possibilita que adquira atitudes essenciais para seu desenvolvimento como senso crítico, sensibilidade e criatividade. “Trabalhar com obras de arte na educação infantil tem como principal objetivo trazer conhecimento de mundo para dentro da sala de aula, enriquecendo e ampliando o universo cultural das crianças”, diz Elizabeth Lombardi, professora de arte do Colégio Pitágoras Cidade Jardim.

Elizabeth explica que por meio da releitura de obras de artistas conhecidos, as crianças adquirem competências: “a partir dos quatro anos, as crianças já são capazes de dar significado às informações recebidas e utilizá-las para se expressar. Os artistas escolhidos devem ter referências com a realidade das crianças para que possam encontrar alguma identificação. Por se tratar de crianças menores que ainda estão estruturando as formas, podemos escolher artistas abstratos, como Miró e Kandinsky. Pollock, se a intenção for trabalhar com cores e pinceladas fortes. Monet, com flores, cores e pinceladas soltas”, sugere.

A professora ainda ressalta que alguns artistas figurativos são muito atraentes por retratarem sua infância em suas obras, como Cândido Portinari (Brincadeiras de Criança) e Tarsila do Amaral (formas inusitadas e cores muito alegres do nosso país tropical). “Podemos ainda trabalhar com renascentistas, com suas madonas e autorretratos. Com Volpi e suas bandeirinhas e mastros, se a intenção for formas simples”.

Eliza Botelho, diretora pedagógica da Dream Kids Berçário e Educação Infantil, no Real Parque/Morumbi, em São Paulo, diz que o objetivo é a criança perceber que, por meio do desenho, da pintura e da escultura, ela pode dizer algo. “Queremos que ela valorize a arte e não necessariamente que se torne um artista. É trabalhando assim que deixaremos claro às crianças que cada pessoa

tem seu jeito próprio de desenhar, pintar e que todos devem ser valorizados e respeitados, por exemplo”.

O que os pequenos aprendem estudando obras de arte?

- Elementos para apreciação de uma obra de arte;
- Conhecimento da vida e das obras de artistas famosos;
- Compreensão de como foram feitas essas obras estabelecendo relações com a vida dos artistas e a época em que viveram;
- Reconhecimento de diferentes formas de representação de um mesmo ser ou objeto;
- Exposição de ideias e impressões a partir de uma obra de arte;
- Identificar, valorizar e respeitar a diversidade das produções individuais;
- Conhecer e identificar algumas técnicas de arte e utilizá-las;
- Saber identificar e selecionar cores e materiais que serão utilizados em suas produções;
- Perceber o uso das cores como estratégia para criar contrastes e noção de profundidade;
- Construir uma releitura de obra consagrada.

8. ARTE NA EDUCAÇÃO PRIMÁRIA/BÁSICA

A disciplina educação artística nos ciclos escolares é composta pelo ensino das Artes Visuais, Artes Cênicas, Dança e Música. Mas qual conteúdo desses assuntos é estudado pelos alunos?

De acordo com o PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), já estudado em tópico anterior, o ensino da Arte terá o seguinte conteúdo: “a arte como expressão e comunicação dos indivíduos; elementos básicos das linguagens artísticas, modos de articulação formal, técnicas, materiais e procedimentos na criação em arte; produtores de arte: vidas, épocas e produtos em conexões;

diversidade das formas de arte e concepções estéticas da cultura regional, nacional e internacional: produções e suas histórias; a arte na sociedade, considerando os artistas, os pensadores da arte, outros profissionais, as produções e suas formas de documentação, preservação e divulgação em diferentes culturas e momentos históricos.”

Um dos temas mais defendidos no estudo da arte é a pluralidade cultural. A fim de que o aluno tenha sucesso na empreitada do estudo artístico, faz-se necessário uma clara percepção da diversidade existente tanto na arte quanto na vida. Trata-se do estudo pluriculturalista, o qual considera como grupos culturais distintos lidam com a arte em suas vidas.

O entendimento dessa diversidade cultural existente torna-se fundamental para o estudo contextual e de apreciação da arte, uma vez que, abre-se a discussão mais uma vez acerca de qual a função da arte, do papel do artista e do que é arte, já que existem personagens extremamente diferentes que precisam ser avaliados nessa seara

Conforme texto dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Artes, o pluriculturalismo no ensino de arte tem como objetivos: promover o entendimento de cruzamentos culturais pela identificação de similaridades, particularmente nos papéis e funções da arte, dentro e entre grupos culturais; reconhecer e celebrar a diversidade étnica e cultural em arte e em nossa sociedade, enquanto também se potencializa o orgulho pela herança cultural em cada indivíduo, seja ela resultante de processos de erudição ou de vivências do âmbito popular, folclórico ou étnico; possibilitar problematizações acerca do etnocentrismo, estereótipos culturais, preconceitos, discriminação e racismo nas ações que demarcam os eixos da aprendizagem; enfatizar o estudo de grupos particulares e/ou minoritários (do ponto de vista do poder) como mulheres, índios e negros; possibilitar a confrontação de problemas, como racismo, sexismo, excepcionalidade física ou mental, participação democrática, paridade de poder; examinar a dinâmica de diferentes culturas e os processos de transmissão de valores; desenvolver a consciência acerca dos mecanismos

de manutenção da cultura dentro de grupos sociais; questionar a cultura dominante, latente ou manifesta e todo tipo de opressão; destacar a relevância da informação para a flexibilização do gosto e do juízo acerca de outras culturas.

É preciso ter em conta que o estudo da arte no currículo escolar dos ensinos fundamental e médio, será regulado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação e orientado pelos Parâmetros Curriculares. Será fixado sobre o tripé de fazer arte, contextualizar a arte e apreciar e interpretar a obra.

Além disso, restou-nos clara a necessidade do estudo pluriculturalista, que leve em conta os diferentes povos e as culturas diversas existentes em cada região, possibilitando ao estudante uma compreensão global e um consequente efeito benéfico maior trazido pelo estudo do mundo artístico.

Além disso, a partir de 1971 foi estabelecida a obrigatoriedade do ensino de artes na educação. Em consequência disso, nos anos que se seguiram, a universidade passou a ser a porta de entrada para os docentes dessa disciplina. Esse quadro foi ainda mais intensificado quando em 1996 o ensino da educação artística passou a ser composto das artes visuais, teatro, dança e música, o que levou a um enorme número de matrículas nesses cursos superiores.

Atualmente, muitos profissionais pedagógicos têm debatido a respeito da importância da prática das atividades artísticas em sala de aula, a fim de incentivar não somente o desenvolvimento criativo do aluno, mas também valorizar a diversidade cultural dos ambientes onde os alunos se encontram inseridos.

No entanto, a realidade demonstra casos em que o ensino da arte na escola, principalmente no ensino fundamental, é praticado através de uma abordagem equivocada e limitada a atividades descontextualizadas, que não envolvem o aprendizado de sua origem e de seus objetivos para a formação do cidadão.

Além disso, observam-se ainda muitas instituições escolares buscam apenas desenvolver atividades semi prontas, sem elaborar conteúdos mais

comprometidos com a estimulação da criatividade do aluno, abandonando a perspectiva de que o ensino da arte contribuiu com a descoberta pelos próprios alunos de seus aspectos pessoais, facilitando as relações sociais mantidas principalmente no ambiente educacional.

Neste sentido, é preciso ressaltar que a função social da escola é oferecer aos alunos oportunidades de aprendizado através da obtenção do conhecimento significativo, exercendo influências positivas no desenvolvimento intelectual e cognitivo do aluno, fundamental para a formação do senso crítico enquanto cidadão de uma sociedade. Dessa maneira, cabe enfatizar ainda que as atividades escolares são fundamentais para a construção da identidade dos indivíduos de acordo com os valores e princípios da democracia e cidadania.

Portanto, as atividades artísticas e a música podem facilitar o entendimento dos conteúdos programáticos tradicionais, além de promover o desenvolvimento humano. Através da Arte é possível os alunos poderão melhorar seus potenciais de reflexão, questionamento e crítico acerca da sociedade em que vivem.

9. ARTE NA EDUCAÇÃO DE ADOLESCENTES NO ENSINO MÉDIO

Mais uma vez o Brasil copia o sistema de Educação dos Estados Unidos operando reduções comprometedoras para a aprendizagem de nossos jovens em nome da economia de verbas.⁷

A Ditadura de 64 copiou o sistema americano minimizando a qualidade quando tornou a Arte obrigatória no Ensino de Primeiro e Segundo Graus com o objetivo de mascarar humanisticamente o excessivo tecnologismo da reforma educacional imposta que pretendia profissionalizar os adolescentes no Ensino

⁷ O dilema das artes no ensino médio no Brasil. Barbosa, Ana Mae

Médio. No processo de redução do modelo americano para país pobre criou a figura absurda do professor polivalente que com dois anos de formação deveria ensinar Música , Artes Plásticas, Artes Cênicas, e Desenho Geométrico a partir do quinto ano do Primeiro Grau e no que hoje chamamos Ensino Médio. Claro que não deu certo e as grandes universidades advertiram imediatamente acerca do absurdo epistemológico de se querer formar arremedo de Leonardo da Vinci no século XX.⁸

Agora a coisa é pior, estão retirando do Ensino Médio a obrigatoriedade do Ensino das Artes, duramente ampliada pela luta dos Arte/Educadores reunidos na Federação de Arte /Educadores do Brasil (FAEB), que em abril de 2016 conseguiu fazer aprovar no Senado a obrigatoriedade de Música, Teatro, Artes Visuais e Dança antes não incluída.⁹

Nos Estados Unidos e na Inglaterra os alunos de “high school” escolhem um certo número de disciplinas de um enorme cardápio de disciplinas que a escola oferece. Entre as disciplinas oferecidas estão todas as áreas das Artes.¹⁰

Inglês é obrigatório, mas para cada semestre são oferecidos diferentes cursos e o aluno escolhe que tipo de curso quer fazer. Lembro-me que meu filho no primeiro ano de high school em Cambridge, USA , escolheu como disciplina obrigatória um curso de inglês baseado em William Shakespeare no qual teve de decorar vários trechos de peças que não esqueceu até hoje. No semestre seguinte escolheu um curso de inglês baseado em notícias de jornais, mais fácil e metodologicamente menos conservador. Não é obrigatório o aluno escolher Artes, mas é obrigatório a escola oferecer todas as Artes. Quando fiz Pós Doutorado na Inglaterra minha filha de 15 anos me acompanhou. A escola só permitia escolher quatro disciplinas por semestre e ela foi obrigada a escolher Inglês, Matemática, História e uma disciplina em Ciências para ter o semestre reconhecido no Brasil. Entretanto foi colocada para fazer deveres de casa e

⁸ idem

⁹ idem

¹⁰ O dilema das artes no ensino médio no Brasil. Barbosa, Ana Mae

outras obrigações na sala de uma professora (room teacher) de Artes Visuais. Não demorou muito a professora perguntou porque ela não escolhera Artes se gostava tanto e diante do argumento burocrático combinou que ela faria Artes Visuais escondido, extraoficialmente. Enquanto era tratada como estranha nas outras aulas, na aula de Artes Visuais fez amigas e se entrosou. Não se discute mais nestes países, que o governo do Brasil pretende imitar embora sob um olhar redutor, a importância do Ensino das Artes na Escola.¹¹

Foi fundamental nos Estados Unidos a descoberta nos anos 90 de que os alunos que por 10 anos tiveram as melhores notas no teste SAT, equivalente ao ENEM, todos haviam tido alguma disciplina de Artes em seu currículo.¹²

Passou-se então a estudar o ensino das Artes em referência à transferência cognitiva. As perguntas eram: O que se aprende e o como se aprende Artes é transferível para outras disciplinas? O desenvolvimento mental que as Artes proporcionam é aplicável ao modo como se aprende as outras disciplinas?¹³

James Catterall¹ grande parte de sua vida pesquisando as pesquisas que provam que as Artes desenvolvem a cognição do indivíduo, cognição esta que pode ser aplicada a outras áreas do conhecimento. Chegou à conclusão de que as Artes desenvolvem até a inteligência medida pelo teste QI que é apenas uma parte da inteligência, a inteligência racional. Encontrou quatro pesquisas provando a transferência de aprendizagem das Artes Visuais para outras áreas. Estas pesquisas demonstraram que o estudo de Desenho aumenta a qualidade de organização da escrita; raciocinar sobre Arte desenvolve a capacidade de raciocinar sobre imagens científicas; a análise de imagens da Arte propicia a capacidade de leitura mais sofisticada, interpretação de textos e inter-relacionamento de diferentes textos. Enfim, a “instrução em Artes Visuais” desenvolve a prontidão para a leitura compreensiva, foi uma das conclusões das

¹¹ idem

¹² idem

¹³ O dilema das artes no ensino médio no Brasil. Barbosa, Ana Mae

quatro pesquisas que Catterall analisou. Já, o número de pesquisas provando a transferência de cognição em Teatro para outras áreas foi quase cinco vezes maior o que o levou a identificar também maior número de consequências positivas da experiência em Teatro para o comportamento cognitivo dos jovens de ensino médio.¹⁴

Maior compreensão da leitura oral de textos

Maior compreensão do discurso oral em geral

O aumento da interação entre pares

Capacidade de escrever com eficiência e prolixidade

Habilidades de resolução de conflitos

Concentração de pensamento Habilidades para compreender as relações sociais

Capacidade para compreender problemas complexos e emoções

Engajamento

Habilidade de interpretação de textos não relacionados

Disposição e capacidade de desenvolver estratégias para resolução de problemas.¹⁵

Nas pesquisas sobre as Artes Integradas, que não podem ser confundidas com a perversa polivalência, mas que tem cada Arte o seu professor, todos trabalhando interdisciplinarmente, foram comprovados avanços individuais e coletivos em:

Autoconfiança

Melhoria do autoconceito

Capacidade de assumir riscos

Concentração de atenção

Perseverança

Empatia pelos outros

¹⁴ idem

¹⁵ O dilema das artes no ensino médio no Brasil. Barbosa, Ana Mae

Auto iniciação à aprendizagem
Persistência em tarefas difíceis
Aprendizagem autoral
Habilidades de colaboração Liderança
Evasão reduzidas
Aspirações educacionais mais altas
Habilidades de pensamento de ordem superior ¹⁶

A lista de transferência cognitiva da Música para outras áreas não artísticas de conhecimento é grande também e inclui desenvolvimento em Matemática e em percepção espacial e espaço/temporal.¹⁷

Tendo em vista o fraco desempenho de estudantes norte-americanos em Ciências foi criado nos Estados Unidos no Ensino Fundamental e Médio o sistema interdisciplinar STEM , isto é a interrelação entre Ciências (Sciences), Tecnologia, Engenharia e Matemática. Entretanto, as pesquisas não demonstraram a melhoria esperada em ensino das Ciências . A pesquisadora e professora Georgette Yakman, incluindo as Artes, conseguiu melhores resultados e a partir do seu trabalho o STEM se transformou em STEAM sistema que inclui Ciências (Sciences), Tecnologia, Engenharia, Artes (e Design)e Matemática. Acrescentando as Artes verificaram que a imaginação e os processos de criação foram intensificados. Verificaram também que as Artes se tornaram importantes culturalmente, comunicativamente e facilitadoras da aprendizagem das outras áreas envolvidas no sistema.¹⁸

O cuidado agora é para que no STEAM as Artes não virem mero trabalho de ilustração.¹⁹

¹⁶ idem

¹⁷ O dilema das artes no ensino médio no Brasil. Barbosa, Ana Mae

¹⁸ idem

¹⁹ idem

Retirar Artes do Ensino Médio, portanto, de adolescentes é reduzir a possibilidade do desenvolvimento de habilidades importantes em outras disciplinas além das Artes.²⁰

Por outro lado, que outra disciplina desenvolve o que é específico das Artes? Qual a disciplina no currículo que desenvolve especificamente a percepção e discriminação visuais? As Artes Visuais e nenhuma outra mais. Qual a que prepara para a leitura da imagem? As Artes Visuais. A leitura do discurso Visual, que não se resume só a uma análise de forma, cor, linha, volume, equilíbrio, movimento, ritmo, mas principalmente é centrada na significação que estes atributos em diferentes contextos conferem à imagem é um imperativo da contemporaneidade.²¹

Os modos de recepção da obra de Arte e da imagem ao ampliarem o significado da própria obra a ela se incorporam.²²

Não se trata mais de perguntar o que o artista quis dizer em uma obra, mas o que a obra nos diz, aqui e agora em nosso contexto e o que disse em outros contextos históricos a outros leitores.²³

Em nossa vida diária, estamos rodeados por imagens veiculadas pela mídia vendendo produtos, ideias, conceitos, comportamentos, slogans políticos etc.²⁴

A leitura das imagens fixas e móveis da publicidade e da Arte nos exercita a consciência acerca daquilo que aprendemos através da imagem. Por outro lado, na Escola, a leitura da obra de Arte prepara o grande público para a recepção de obras de Arte e nesse sentido Arte/ Educação é também mediação entre Arte e Público. Tirar as Artes da escola e depois clamar por meios de “ampliação de plateia” para Teatro ou Cinema é uma contradição.²⁵

²⁰ idem

²¹ idem

²² O dilema das artes no ensino médio no Brasil. Barbosa, Ana Mae

²³ idem

²⁴ idem

²⁵ idem

Outro aspecto importante da Arte na educação em nossos dias é o fato de se reconhecer que o conhecimento da imagem é de fundamental importância não só para o desenvolvimento da subjetividade, mas também para o desenvolvimento profissional.²⁶

Um grande número de trabalhos e profissões estão direta ou indiretamente relacionados à arte comercial e propaganda, outdoors, cinema, vídeo, fotografia, à publicação de livros e revistas, à produção de CDs, cenários para a televisão, e aos campos do design para a moda, indústria têxtil, design gráfico, design digital, games, decoração etc. Não posso conceber um bom designer gráfico que não possua algumas informações de História da Arte.²⁷

Não só designers gráficos, mas muitos outros profissionais similares poderiam ser mais eficientes se conhecessem, fizessem arte e tivessem desenvolvido sua capacidade analítica através da interpretação dos trabalhos artísticos em seu contexto histórico. Tomei conhecimento de uma pesquisa que constatou que os câmara-men da televisão são mais eficientes quando tiveram algum contato sistemático com apreciação da arte.²⁸

O conhecimento crítico de como os conceitos visuais, sociais e históricos aparecem na arte, como eles têm sido percebidos, redefinidos, redesignados, distorcidos, descartados, reapropriados, reformulados, justificados e criticados em seus processos construtivos, ilumina a prática da arte, mesmo quando essa prática é meramente comercial.²⁹

Até agora usei argumentos de ordem objetiva e resultado de pesquisas para demonstrar a importância do ensino das Artes por que a educação emocional não interessa a políticos que em educação almejam apenas ver o Brasil subir no ranking mundial, reduzindo ao mínimo o que tem de ser aprendido e criando testes para provar que a aprendizagem foi realizada.³⁰

²⁶ idem

²⁷ idem

²⁸ O dilema das artes no ensino médio no Brasil. Barbosa, Ana Mae

²⁹ idem

³⁰ idem

Mas quero ressaltar a importância das experiências com Artes na adolescência, idade difícil, de mudanças hormonais, corporais, de modo de pensar e sentir, de início de autonomia na vida privada e na sociedade, de inter limites, ora sendo tratados como adultos ora sendo vistos como crianças.³¹

A linguagem presentacional das Artes articula a cognição através da integração do pensamento racional, afetivo e emocional numa escola a qual só interessa a linguagem discursiva e científica das evidências. A minha geração fez sua educação emocional a margem da escola nos filmes de Hollywood, a geração da minha filha nas novelas da Globo e esta geração?³²

As gerações de hoje educadas com Artes nas escolas já estão lotando as exposições de Artes Visuais, os cinemas e os teatros. O ensino atual inter-relaciona o fazer Arte, a leitura da obra de Arte ou da imagem e a contextualização do que se faz e do que se vê (Abordagem Triangular). Como resultado deste novo (já com 25 anos) ensino, os Centros Culturais não são mais exclusividade das elites, jovens que nasceram pobres estão usufruindo das Artes porque tiveram bons professores de Artes nas Escolas públicas. Vamos perder esta conquista se as Artes não forem incluídas no Ensino Médio. Apelo aos artistas para que façam campanha e salvem a intimidade com as Artes nas próximas gerações. Nós das Artes, que podemos fazer para que os "homens do poder" nos ouçam?³³

Segundo as pesquisas nós próprios seríamos menos inteligentes se não tivéssemos experiência com as Artes.³⁴

10. A IMPORTANCIA DA ARTE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

³¹ idem

³² idem

³³ O dilema das artes no ensino médio no Brasil. Barbosa, Ana Mae

³⁴ idem

Na educação especial são inúmeras as dificuldades que os profissionais enfrentam no dia a dia com atividades específicas que ajudam no desenvolvimento dos alunos, portanto a arte é um meio onde esses profissionais encontram sugestões mais concreta para trabalhar com este público.

Nesse sentido, a arte pode proporcionar oportunidades de desenvolvimento emocional, encorajamento e confiança, e, também, o sentimento de valor, favorecendo o crescimento global dos portadores de necessidades especiais. Portanto, a arte é um conteúdo especial que deve estar sempre presente na educação de todo ser humano. Ferreira, Aurora (2010 pg 61).

Diante dessas dificuldades podemos destacar alguns pontos extremamente importante para o desenvolvimento dos alunos.

Em primeiro lugar o profissional deve ser sensível em perceber as dificuldades e também as habilidades de cada um, pois este trabalho exige muita atenção da parte do professor para não cometer equívoco quanto às possíveis condições de aprendizagem de um determinado aluno que as vezes é subestimado pela sociedade em geral.

Em contrapartida é necessário conhecer os objetivos de cada atividade e empregá-la de maneira correta as dificuldades de cada aluno.

Disponibilizar materiais e permitir que o aluno explore todos os materiais exposto.

Dar oportunidades de expressar seus sentimentos e abusar da sua imaginação e criatividade.

Para aplicar uma proposta, o professor precisa compreendê-la em seus objetivos, conteúdo e processos de desenvolvimento e avaliação.

Ela precisa, ainda, ser adequada aos alunos, a fim de que não se transforme num exercício mecânico desprovido de sentido. Ferreira, Sueli (2003, p. 33).

A partir das experiências vivenciadas com atividades de artes, podemos perceber o quanto é importante trabalhar de diversas formas e disponibilizar materiais variados onde as crianças/adolescentes tenham esse contato, e através do experimento aprimorar suas capacidades como um todo, já que a arte permite o desenvolvimento de várias áreas do conhecimento.

Diante de tudo que foi falado até aqui seguem algumas sugestões de atividades e seus objetivos.

Pintura:

Ajuda a desenvolver:

- Percepção para cores e formas;
- Imaginação criadora;
- Motricidade;
- Pensamento lógico;
- Autodomínio;
- Atenção;
- Favorece a espontaneidade;
- Concentração;
- Estimula a auto expressão;
- Oferece oportunidade para descarregar a agressividade.

Para Ana Francisqueti (2011) as produções artísticas das crianças nos mostram muita coisa. A criança revela diretamente e sem receio. Para ela, a arte é mais do que um passatempo; é uma comunicação significativa consigo mesma, é a seleção daqueles aspectos do seu meio com que ela se identifica.

O ensino direcionado com objetivos concretos traz resultados satisfatório onde os alunos vivenciam momentos tão rico e construtivo. Com base nessas experiências e nas reflexões dos trabalhos realizados e nos resultados alcançados podemos dizer que a arte é um caminho integrador entre aluno e

professor desde que haja esforço e comprometimento não só com o aprendizado mas, com a questão educacional geradora de mudanças.



MÓDULO IV – ELABORAÇÃO DE ATIVIDADES DE ARTE PARA A EDUCAÇÃO

O ensino da arte como uma das práticas pedagógicas para o desenvolvimento da criança na pré-escola contribui para sua formação cultural, construção da sensibilidade e fatores relacionados ao conhecimento.

Barbosa (2007, p.23) explica que através da arte “é possível desenvolver a percepção e a imaginação para aprender a realidade [...] desenvolver a capacidade crítica, [...] desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade” (apud, SILVESTRE, 2010).

De acordo com a BCNN (Base Nacional Comum Curricular), a “Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas”, produzir atividades que consigam

comportar a bagagem histórica da criança e fazê-la se expressar e ver a expressão do outro são importantes para seu desenvolvimento.

Não medir ou comparar os trabalhos das crianças entre si. A arte é algo próprio, é a sua visão de mundo e não pode ser colocada frente a frente com outras.

Nenhuma vivência será igual, por isso colocar os alunos para analisarem e discutirem sobre as produções fará com que percebam seu colega da mesma forma que entenda a si próprio, porém isto jamais terá cunho de confrontar os métodos utilizados ou qual estará melhor. As crianças precisam aprender a respeitar a liberdade de expressão do outro assim como a compreender que cada um tem seu jeito de ler o mundo.

A Arte demonstra como a criança vê o que a sua volta, é por meio das atividades artísticas proporcionadas pelo professor que ela irá reproduzir, do seu modo, o ambiente adulto, a realidade.

É importante ter acesso às produções artísticas constantemente pela Arte trabalhar o sujeito como um todo, através de experiências perceptivas ao ver e tocar o que está a sua volta; ao organizar essas construções com os mais diversos materiais; apreciar as obras prontas desde artistas renomados a das próprias crianças. Além de permitir, principalmente, a liberdade de expressão ao se olhar para o mundo de diferentes formas e expor aquilo que vê, sente, conhece e toca. As atividades práticas realizadas com os alunos na pré-escola permitem que, conforme praticam algo, eles se reconheçam como construtores dos seus próprios saberes e membros ativos na formação e compreensão de seus aprendizados.

É importante ressaltar o papel do professor neste processo, na qual ele precisará constantemente encaixar momentos entre as aulas para o uso da Arte, reconhecendo em que há momentos onde a intervenção será desnecessária e prejudicial para a liberdade de expressão das crianças.

A arte na Educação Infantil envolve vivências lúdicas, explora a criatividade, a emoção e a sensibilidade da criança. É por meio dessa linguagem

visual que a Arte trabalha as Experiências Educativas (leiam o artigo para compreender melhor) e as fazem assimilar o ambiente ao redor de acordo com a sua idade.

Valério (2011) aponta, segundo as pesquisas de Lowenfeld (1977), que a Arte auxilia em 7 aspectos do desenvolvimento das crianças. São eles:

1 – Desenvolvimento Social: “Por meio das aulas artísticas que ocorre parte das interações sociais e ajuda nas trocas de vivências”;

2 – Desenvolvimento Físico: “Manifesta a capacidade de coordenação visual e motora da criança, na maneira que controla seu corpo, orienta seu traço e dá expressão a suas aptidões”;

3 – Desenvolvimento Intelectual: “É observado de acordo com o conhecimento que está à disposição do aluno quando desenha, é apreciado na compreensão gradativa que a criança tem de si próprio e do seu meio”;

4 – Desenvolvimento Emocional: “Está diretamente ligada à intensidade que o aluno tem com sua obra, que pode variar entre baixo nível de envolvimento, com repetições estereotipadas, ou alto nível de envolvimento quando está empenhado em retratar algo realmente importante pra ela”;

5 – Desenvolvimento Estético: As crianças são capazes de organizar o pensamento, a sensibilidade e a percepção para a expressão delas serem coesas;

6 – Desenvolvimento Perceptual: “A conscientização da variação das cores, das formas, dos contornos e texturas pode ser progressiva na medida em que o contato com essas e outras experiências perceptuais lhe é apresentado”;

7 – Desenvolvimento Criador: “Desde os primeiros rabiscos as crianças são capazes de inventar suas próprias formas e colocar nelas algo de si mesma”.

Utilizar diferentes materiais para as atividades práticas com a Arte faz os alunos se apropriarem dos conceitos relacionados e propostos pelo professor, no caso da pintura, por exemplo, o objetivo é proporcionar uma experiência sensível das crianças para com as tintas. Não é obrigatório o uso de pincéis, a manipulação de outros materiais e até mesmo o corpo do aluno pode ser aproveitado como ferramenta para as produções.

A colagem é outro exemplo a ser citado, onde pode se recolher pequenos objetos e misturá-los com outros materiais para serem colados ou trabalhar a composição deles. Procurar criações harmoniosas a fim de que a criança possa desenvolver a sensibilidade estética e noção espacial é muito importante.

A Arte na Educação Infantil promove vários tipos de auxílios no desenvolvimento do aluno, ela é utilizada como uma das práticas para fazer o infante se reconhecer no mundo, entender o outro e interagir com o ambiente. Os educadores têm a função neste processo tem a função, segundo Silvestre (2010), de:

“pesquisar, relacionar saberes, para que os próprios alunos sejam oportunizados a ampliar conhecimentos [...] tem o dever de ensinar, de aprender, e junto de seus conhecimentos oportunizar o aluno novas descobertas e desejos de aprender sempre”.

11. ATIVIDADES DE ARTE PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Além de ser divertido, as atividades de artes para educação infantil são ótimos para desenvolver a coordenação motora refinada. Podem ser aplicadas desde turmas do maternal e durante todas as aulas de artes da educação infantil.



Para as crianças alfabetizadas, você também pode pedir que recortem letras em revistas e colem para formar palavras e frases.

Nas datas comemorativas, como páscoa e natal, você pode fazer atividades de recorte e colagem relacionados com o momento do ano. Você pode utilizar o desenho de um coelho branco e pedir que colem algodão para preencher seu contorno ou fazer a barba do Papai Noel.



Durante à realização das atividades de colagem para crianças, você deve garantir que o local seja apropriado e que sejam forradas as mesas que serão utilizadas.

Alguns materiais são mais fáceis de colar utilizando pincéis para se aplicar a cola do que diretamente do tubo de cola. Para colar o material, use somente cola branca, não tóxica ou cola tipo bastão.

Se quiser, você pode pedir para as crianças usarem diferentes técnicas nas atividades de colagem, unindo algumas partes de colagem de materiais e outras partes da imagem com pintura, que pode ser com tinta, lápis de cor ou canetinhas.

Materiais utilizados em trabalhos de colagem:

- palitos de fósforos
- papel
- palitos de sorvete
- recortes de revistas usadas
- barbantes e lã
- colagem com sementes
- algodão
- folhas de árvores secas
- eva
- fotos

Caso seja necessário recortar materiais para a atividades de colagem, verifique se o material pode ser recortado pelas crianças com uma tesoura sem pontas ou se o material for mais rígido e difícil de cortar, já leve o material preparado antecipadamente para a sala de aula.

Nem sempre é possível encontrar atividades de artes atrativas interessantes para as crianças para suprir todas as datas do calendário escolar.

Observe algumas dicas:

- Fotos Incríveis de Decoração de Sala de Aula para Educação Infantil
- Pipe Cleaner – Limpador de Cachimbo – Materias para Atividades de Artes
- Atividades de Artes com as Mãos – Pintura com as Mãos
- Desenhos de Hora da Aventura para Colorir
- Carimbos de Batata
- Atividade de Artes – Pintando com Plástico Bolha
- Duas Novas Alternativas à Galinha Pintadinha
- Desenhos dos Minions Para Colorir
- Inúmeras Atividades Criativas com Palitos de Sorvete
- Atividades de Artes – Romero Britto
- Como fazer coisas incríveis usando CDs velhos
- Desenhos para Colorir da Peppa Pig
- Atividades de Artes – Tarsila do Amaral na Educação infantil
- Atividades de Colagem para Educação Infantil – Aula de Artes
- Como fazer Mural de Aniversariante
- Reciclagem: Ideias Geniais para fazer em Casa
- Desenhos do Frozen para Colorir
- Porta Lápis Decorado
- Atividades de Colagem com Barbante e Lã
- Atividades para Aula de Artes
- Fazendo Flores com Rolhas e Botões
- Atividades de Colagem para Maternal
- Carimbos Super Fáceis para Divertir as Crianças

Ideias para os pais, estimularem as crianças a fazer arte em casa:

Pintura com cotonete



Pintura com folhas



Pintura no box do banheiro



Tela de papelão



Receitas de tintas comestíveis



12. ATIVIDADES DE ARTE PARA NÍVEL MÉDIO

O modelo de sala de aula tradicional já não funciona bem. Vivemos em um período de transição, onde muitos professores sentem dificuldade em atender às necessidades da nova geração. De forma mais clara, estamos mudando de um modelo centralizador para um modelo colaborativo de ensino. Os erros passam a ser um caminho para o acerto, e não o determinante entre o sucesso e o fracasso. A padronização do ensino é derrubada para dar espaço à personalização. Valorizaremos competências novas nos alunos, como o pensamento crítico, a empatia, a comunicação, a liderança, a ética, entre outras que são mundialmente conhecidas como competências do século 21.

O computador com um bom sistema educacional é uma ótima ferramenta para transformar a sala de aula em um verdadeiro antro da aprendizagem. Porém, existem outros meios de inovar e que podem ser feitos sem o uso do

computador. Usando a gamificação, podemos implementar essas grandes mudanças na educação que tanto queremos ao mesmo tempo que motivamos os alunos.

Gamificação é um termo que começou a ganhar popularidade em 2010, mas que já é usado de diversas formas há vários anos. Trata-se da utilização de elementos e técnicas de jogos em contextos que não são jogos, com a finalidade de aumentar a motivação das pessoas envolvidas e resolver os problemas desse contexto. Evitem confundir jogos educacionais com gamificação. Introduções feitas, vamos ao que interessa.

Dica 1: Transforme as notas em conquistas

Notas são escalas que não dizem por si só se um aluno é ou não proficiente no assunto. Pode-se argumentar que uma média 7 delimita a aprovação e a caracterização da proficiência. Mas isso abre portas à interpretação de que a nota 6,5 é uma “quase proficiência”. Não queremos que os nossos alunos busquem uma nota, queremos que eles busquem a proficiência em si. A conquista dessa proficiência pode ser representada por uma medalha, carimbo ou estrela. O professor determina as conquistas a serem alcançadas e fornece instruções sobre como fazê-las, o que pode chamar de missões. Cada conquista deve ser atingível com atividades curtas.

Por exemplo, fazer uma lista de exercícios sobre o Tiradentes na aula de história pode ser a missão que tem como recompensa a medalha “Inconfidência Mineira”. Para conquistar a medalha “Movimentos Emancipacionistas”, o aluno deve conseguir um conjunto de medalhas, como a já falada da “Inconfidência Mineira”, ou da “Revolução Pernambucana”, entre outras. O professor seria o juiz que entrega os prêmios, mas pode até delegar a responsabilidade a alunos que conquistarem o direito. As conquistas, na verdade, devem coexistir com as notas tradicionais, mas são apresentadas no lugar das notas como uma forma mais motivadora de estudar.

Dica 2: Abra espaço para colaboração

O momento em que estamos fazendo uma prova é de pura concentração. É comum observar os estudantes comentando e compartilhando as respostas ao final da prova. Lamentamos cada erro cometido e desejamos voltar no tempo para corrigir – é, também fomos estudantes um dia.

Acontece que aprender com os erros é uma excelente prática. Não desperdicem este momento, professores. Façam o seguinte: cada aluno assina sua prova com um código que só ele e o professor conhecem. Realizada a avaliação, o professor corrige, mas marca nas provas apenas o número de erros e de acertos. Em outro momento, devolve as provas aos seus alunos, mas não para o dono. Nessa hora, cada um tem a chance de aumentar a nota de algum colega, identificando e corrigindo os erros. As regras sobre o peso da correção, a forma de correção, são determinadas pelo professor. Uma terceira chance da mesma atividade pode ser realizada, caso o professor queira. Imaginem só a alegria dos alunos em conseguir notas melhores ao mesmo tempo em que aprendem melhor sobre o assunto estudado!

Dica 3: Valorize competências e conhecimento no lugar de informação

Estudantes precisam muito mais de conhecimento do que de informação. A informação está disponível gratuitamente para qualquer pessoa com acesso à Internet. Assim, evitem passar para os alunos trabalhos que podem ser feitos com uma simples busca no Google. Para isso, tente envolver alguma das competências do século 21. A lista completa dessas competências pode ser encontrada em matéria do Porvir.

Por exemplo, em uma aula de geometria, o professor pode pedir aos alunos que construam, em grupo, alguma peça em madeira que use os conceitos aprendidos em classe. Ou que os alunos de história montem grupos e desafiem outros grupos com perguntas sobre o assunto estudado. Uma simples tarefa de pesquisa tem muito mais valor quando se limita o tamanho dos textos a serem entregues, obrigando o aluno a ler e entender sobre o assunto, para então conseguir resumi-lo.

Dica 4: Introduza o elemento surpresa na aula

É certo pensar que as regras para aprovação em uma sala de aula devem ser claras e iguais a todos. Porém, o professor, como educador, pode modelar o sistema com o objetivo de melhorar a motivação e o aprendizado dos seus alunos, desde que não prejudique ninguém com essas surpresas. O sentimento de que, a qualquer momento, dependendo da sorte, podemos ser recompensados de alguma forma, faz qualquer ser humano ficar mais atento no seu ambiente. Esse elemento de surpresa e sorte pode parecer completamente aleatório para o estudante, mas não precisa ser tão aleatório na perspectiva do professor. Ninguém precisa saber que o professor deu uma mãozinha ao aluno que ele acha que precisa de mais motivação, não é verdade? Vejam alguns exemplos:

Chocolate surpresa: Fim de aula, o professor sorteia um aluno. Esse aluno ganha um papel com uma pergunta escrita. Caso responda a essa pergunta na hora, ele ganhará dois chocolates. Se levar para casa e devolver respondida, ganha apenas um chocolate.

Convidado Especial: Levar um convidado especial para ajudar na aula. Pode ser um engenheiro civil falando sobre como a matemática é usada no seu trabalho diário. Ou levando um cachorro de estimação para ilustrar a aula de biologia dos mamíferos.

Obviamente, não há respostas fáceis ou simples para os desafios que a educação enfrenta. A única certeza, porém, é que precisamos enfrentá-los de mente aberta, sempre prontos a tentar algo novo e aprender rapidamente. Essas dicas vão nesse sentido.

Confira sugestões publicadas no Portal do Professor do MEC:

- A música brasileira e a ditadura militar
- A origem do teatro grego
- Arte Povera
- As manifestações culturais afro-brasileiras
- Arte Povera

- Body Art – A pele como suporte pictórico
- Cartazes estilo art nouveau
- Conhecendo e criando um webquest da turma
- Conhecendo músicas do samba de roda
- Construindo o conceito de Patrimônio Cultural e Imaterial
- Criando instrumentos musicais
- Criando máscaras de teatro
- Culinária brasileira
- Dança - “O Espelho”
- Danças Folclóricas Brasileiras: Festas Tradicionais do Nordeste
- Elaborando um Portfólio
- Escultura
- Fazendo uma maquete
- Grafite- arte de rua
- Gravura moderna: A arte de Lívio Abramo
- História do Samba
- Ilustrando histórias
- Influências japonesas
- Intervenção no espaço escolar
- Jogos teatrais - Criação de cenas curtas
- Jogos teatrais - Pantomima
- Land Art
- Leitura e Diálogo Colaborativo - Capoeira
- Linha do Tempo
- Mas você sabe quem são os artistas de rua?
- Máscaras
- Modernismo brasileiro e identidade nacional
- Música - Explorando a cadência
- O Cubismo e "Guernica"

- O processo de transformação da capoeira: de luta proibida a valorizada herança africana
- Objetos na Arte
- Oficina de desenho
- Papel reciclado – Vamos fazer papel?
- Pau-de-fita - dança folclórica
- Pintura gestual
- Pop art
- Produção de máscaras teatrais com jornais
- Produzindo uma peça teatral
- Seguindo o chefe: CAV (Ciclo de Aprendizagem Vivencial)
- Tarsila do Amaral
- Teatro de Revista
- Teatro: situações do dia a dia
- Tropicalismo
- Vamos fazer um parangolé?
- Vamos fazer uma instalação?



MÓDULO V – LEITURA COMPLEMENTAR

ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL

Jusamara Souza

1. A importância da Arte na escola

Para se entender o ensino de Arte na escola, é necessário refletir sobre a tarefa da arte na sociedade contemporânea. Em que sociedade vivemos? Que conceitos de arte sobrevivem? Quais são as definições atuais de arte? Quando falamos de arte e sociedade, sobre qual concepção de arte e de sociedade falamos? Existe uma arte específica para uma determinada cultura? Ou para uma determinada classe social? A tradicional divisão entre arte popular e arte erudita ainda corresponderia à realidade? O que seria arte erudita? Ou o que seria uma arte popular? A arte popular não é para ser levada a sério? Serviria apenas para distrair o leitor/consumidor/ouvinte? Onde se estabelece o limite entre arte e não arte?

Algumas definições de arte

As definições mais conhecidas de arte, segundo Luigi Pareyson, poderiam ser reduzidas a três: a arte concebida como um fazer, como um conhecer e como um exprimir. O autor adverte, porém, que “estas diversas concepções ora se contrapõem e se excluem umas às outras, ora, pelo contrário, aliam-se e se combinam de várias maneiras” (apud FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 102).

Na concepção de arte como fazer, destaca-se o seu “aspecto executivo, fabril, manual”, ou seja, arte como técnica, predominante na Antiguidade, quando, praticamente, não havia “distinção entre a arte propriamente dita e o ofício ou a técnica do artesão” (ibid.).

A segunda concepção, que interpreta a arte “como conhecimento, visão, contemplação”, entende-a “ora como a forma suprema, ora com a forma ínfima do conhecimento, mas, em todo caso, como visão da realidade: ou da realidade sensível na sua plena evidência, ou de uma realidade metafísica superior e mais verdadeira, ou de uma realidade espiritual mais íntima, profunda e emblemática”. Segundo Pareyson, “o fato de se haver acentuado o caráter cognoscitivo e visivo, contemplativo e teórico da arte contribuiu para

colocar em segundo plano seu aspecto mais essencial e fundamental que é o executivo e realizador, com grave prejuízo para a teoria e prática da arte” (apud Ferraz; Fusari, 2009, p. 104).

Já a terceira concepção de arte, advinda do Romantismo, considera que “a beleza da arte” consiste “não na adequação a um modelo ou a um cânone externo de beleza, mas na beleza da expressão, isto é, na íntima coerência das figuras artísticas com o sentimento que as anima e suscita” (ibid., p. 102).

No decorrer do tempo, as concepções de arte como expressão se multiplicaram e se aprimoraram. Nas concepções atuais de arte, estão presentes as contribuições da Filosofia, da Sociologia e da Antropologia para o deslocamento do foco das teorias estéticas não mais sobre a obra de arte, mas sobre as relações que as pessoas criam com os objetos e produções artísticas.

Considerando a arte como um produto e construção sociocultural, Pareyson destaca que

(...) a arte não é somente executar, produzir, realizar e o simples ‘fazer’ não basta para definir sua essência. A arte é também uma invenção. Ela não é execução de qualquer coisa já ideada, realização de um projeto, produção segundo regras dadas ou predispostas. Ela é um tal fazer, que enquanto faz, inventa o por fazer e o modo de fazer. A arte é uma atividade na qual execução e invenção procedem pari passu, simultâneas e inseparáveis, na qual o incremento de realidade é constituição de um valor original. Nela concebe-se executando, projeta-se fazendo, encontra-se a regra operando, já que a obra existe só quando é acabada, nem é pensável projetá-la antes de fazê-la e, só escrevendo ou pintando, ou contando é que ela é encontrada e é concebida e é inventada (PAREYSON apud FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 105).

Se arte é invenção, para Ferraz e Fusari (2009), ela é também “produção, trabalho e construção” já que a arte inclui “o artista, a obra de arte, os difusores comunicacionais e o público” (p. 56). Segundo as autoras, a concepção de arte está diretamente relacionada “com o ato de criação da obra de arte, desde as primeiras elaborações de formalização dessas obras até em seu contato com o público” (p. 56).

Uma obra de arte é feita para ser vista, consumida, difundida no mundo cultural e num determinado contexto histórico-social. Por essa razão, a obra artística só se completa “com a participação do espectador”, que recria “novas dimensões dessa obra a partir do seu grau de compreensão da linguagem, do conteúdo e da expressão do artista” (FERRAZ; FUSARI, 2009, p.56).

O principal sentido da obra de arte estaria, portanto, na “sua capacidade de intervir no processo histórico da sociedade e da própria arte e, ao mesmo tempo, ser por ele determinado, explicitando, assim, a dialética de sua relação com o mundo” (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 107).

Funções sociais da arte

A arte hoje tem muitas definições. Ela não é mais vista no sentido clássico da arte do belo (SCHOPENHAUER), mas é também considerada em suas funções sociais. Para que serve a arte? Que funções se colocam para a arte na sociedade em que vivemos? A arte teria uma tarefa que iria além de ela ser ela mesma? Seguiria ela o mesmo princípio proposto por Gertrude Stein, “a rose is a rose is a rose” poder-se-ia se dizer: arte é arte é arte e nada mais?

Como lembram Ferraz e Fusari (2009, p. 101), “a arte está intimamente vinculada ao seu tempo, não podemos dizer que ela se esgote em um único sentido ou função. É por isso que, ao buscarmos definições para as artes, podemos esbarrar em conceitos até contraditórios e que foram incorporados pela cultura”. Ao procurar definir o conceito de música, por exemplo, Bohlman escreve: Música pode ser o que pensamos que seja: ou pode não ser. Música

pode ser sentimento, sensação, sensualidade, mas também pode não ter nada a ver com emoção ou sensação física.

Música pode ser aquilo para o qual alguns dançam ou fazem amor: mas, tal não é necessariamente o caso. Em algumas culturas há categorias complexas para pensar sobre música, em outras, parece nem haver a necessidade de especular sobre música, contemplando-a (BOHLMAN, 1999, p. 17).

O que se espera da música hoje? O que milhares de pessoas esperam é poder relaxar, buscar o prazer, ou mesmo utilizá-la com fins terapêuticos. Música, nessa direção, tem o efeito de uma droga leve: ela ajuda a sair de um momento ruim, dá um consolo fugitivo, por permitir que se saia de si mesmo por um momento, como acontece nas festas raves ou na trance-music.

Na necessidade da arte ou, entre os objetivos da arte colocados por Platão (políticoideológico) a Stockhausen (espiritual-terapêutico), existe, portanto, um amplo leque de possibilidades no qual a sociedade utilizou e utiliza a arte para diversos fins, inclusive os não artísticos. Assim, as artes também tornam-se um campo vasto de produções.

Objetivos do ensino de Arte

Pensar sobre os sentidos e funções da arte conduz necessariamente ao conhecimento do próprio processo artístico, que, como mencionado, inclui produtores/artistas/autores; as obras/produtos artísticos; as formas de comunicação/distribuição/difusão e suas relações com o público/plateia/apreciadores (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 57).

A disciplina Arte deve garantir que os alunos vivenciem e compreendam aspectos técnicos, criativos e simbólicos em música, artes visuais, teatro, dança e suas interconexões. Para tal é necessário um trabalho organizado, consistente,

por meio de atividades artísticas relacionadas com as experiências e necessidades da sociedade em que os alunos vivem.

A arte pode favorecer a formação da identidade e de uma nova cidadania de crianças e jovens que se educam nas escolas, contribuindo para a aquisição de competências culturais e sociais no mundo no qual estão inseridos. O objetivo a que se propõe o ensino de Arte, em toda a sua especificidade prevista na forma de lei, é essencial para a construção da cidadania. O ensino de Arte trata de relacionar sentimentos, trabalhar aspectos psicomotores e cognitivos, planejar e implementar projetos criativos e se engajar emocionalmente neles, num permanente processo reflexivo. Talvez mais que em outras disciplinas, no ensino de Arte, os alunos são obrigados a entrar em contato consigo mesmos, quando, por exemplo, criam uma coreografia, realizam um jogo teatral, interpretam uma música ou apreciam um quadro. Isso não é nada menos do que formar a sua própria imagem de mundo, compreender a realidade.

Revelar o potencial criativo para o desenvolvimento como ser humano, ampliar a capacidade de julgar e agir, ter responsabilidade, tolerância, consciência dos valores são alguns dos outros objetivos dessa disciplina. Diante da complexidade presente nas escolas, como problemas de violência, dificuldades de concentração e interesse dos alunos pelas aulas, as tarefas dos professores de Arte parecem crescer nesse espaço. Efetivamente, a arte pode ajudar nas diversas formas de trabalhos coletivos por meio dos quais os alunos, em grupos ou em equipes, podem definir eles mesmos objetivos e, depois, chegar a resultados que foram trabalhados em conjunto. As competências de trabalhar em equipe, assumindo partes de tarefas independentes como a experiência de grupos vocais e instrumentais ou grupos teatrais e de dança, são competências que estão relacionadas com a metodologia de trabalho na área de Arte. Mas a arte permite também um trabalho individual que discute a tolerância, o exercício para com o outro. Esse trabalho pode promover a autoconfiança e a coragem de se mostrar. Geralmente, essas competências são

ignoradas na escola, aparecendo em momentos pontuais e como decoração do ambiente.

O campo das arte é visto como um campo teórico-prático. Ao invés de consumir grandes quantidades de conhecimento escolar, que será esquecido logo após as provas, o ensino de Arte reivindica para si, através de um trabalho prático, orientado para a ação, ancorar o conhecimento sensorial que envolve todos os sentidos: visão, tato, olfato, audição, gustação. Onde o ensino tradicional promove o pensamento linear, causal, a arte oferece o pensamento em rede, discursivo e trabalha com a inteligência emocional. A tentativa é a de superar um discurso modernista em que razão/sentimento, corpo/alma são tratados de uma forma dicotômica.

Em resumo, o campo das artes oferece aos alunos oportunidades de realmente aprenderem para a vida. Isso ocorre porque o ensino de Arte oferece um espaço de experiência. Quem é artisticamente criativo pratica o exercício da livre escolha. Aqueles que constroem modelos aprendem a redesenhar o futuro, procuram novas soluções, exercitam suas faculdades críticas na leitura de mundo.

Vale ressaltar que essas competências deveriam estar no foco de toda a escola e não apenas no ensino de Arte e seus métodos, pois, caso contrário, o ensino de Arte pode se tornar uma ilha criativa no conjunto de disciplinas escolares, deixando pouco espaço para uma aprendizagem orientada para a ação e para a compreensão por meio dos sentidos, uma aprendizagem vivencial. Aprender, nesse caso, significa sempre vincular questões de interesse da área com o interesse dos alunos.

3. Questões básicas para o ensino de Arte

Qual tem sido a realidade das escolas no ensino de Arte? Com a aprovação da Lei 9394/96, várias práticas de ensino de Arte foram adotadas. Levando em conta os poucos profissionais com habilitação na área, a pouca formação específica dos professores regentes de classe, o pouco interesse e conhecimento das escolas, bem como os escassos recursos para a área, muitos professores ainda têm dificuldades em operacionalizar os objetivos propostos nos documentos curriculares sugeridos pelo MEC.

Considerando que o tempo escolar e o tempo de aula são limitados e que existem saberes mais ou menos importantes, a tarefa da didática e da organização de diretrizes curriculares é responder ao que deve e pode ser ensinado, isto é, que situações e problemas crianças e adolescentes vão confrontar. Os conteúdos de Arte nos Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental são propostos com base em três eixos norteadores: apreciação, produção e reflexão. Os eixos são diferenciados, apoiados nos objetivos de compreender como a arte é constituída, criar e inventar novas realidades e pensar a produção artística presente na realidade.

Em relação ao primeiro objetivo, trata-se de compreender qual realidade construímos com o mundo estético, quais influências tem a arte na nossa visão pessoal e social de mundo, como fazemos nossas experiências nas artes e quais conhecimentos adquirimos. Para tal, o eixo inclui as questões da percepção, da cultura, da semiótica, das condições formais e estruturais dos diferentes meios de comunicação, da interpretação de imagens e obras de arte, das análises críticas de textos teatrais.

Em relação ao objetivo de criar e inventar, trata-se de oferecer métodos, técnicas e estratégias para a formação e a criação de ambientes estéticos, de experiências perceptivas, ou seja, imagens, objetos, músicas, peças e jogos teatrais que podem ser produzidos. Visam ao desenvolvimento da criatividade. O objetivo de ensinar as produções artísticas existentes diz respeito à compreensão de como determinados meios foram utilizados e que formas de

arte estão disponíveis no acervo cultural da humanidade, que influenciaram e influenciam o mundo.

Essa organização mostra que as aulas de Arte não se resumem a pintar um quadro ou cantar uma “musiquinha”. Projetos envolvendo arte e mídias, história da arte, elaboração de roteiros para filmes e outros campos interdisciplinares são considerados. De uma forma sucinta, os documentos apresentam alguns exemplos de conteúdos que podem ser trabalhados indicando como as intersecções entre eles podem ser feitas.

Se de um lado esses parâmetros consolidaram, no país, a transição dos currículos produzidos durante o regime militar para currículos mais democráticos, por outro, as novas direções propostas tiveram algumas dificuldades na implantação de estruturas do sistema escolar. Em geral, quem quer realmente fazer um bom trabalho em Arte nas escolas não consegue fazê-lo sem uma boa dose de dedicação e de engajamento pessoal. Isso pode ser traduzido em inúmeras horas extras, em trabalho noturno e em finais de semana. Professores de Arte concordam que todas as séries do Ensino Fundamental deveriam ter como requisito mínimo duas horas por semana de aulas de Arte. Na prática, ainda são poucas as escolas públicas que conseguem manter um oferecimento regular e qualificado na área de Artes. A diminuição da carga horária das aulas de arte e a dificuldade dos professores em manter a disciplina como parte integrante do currículo contrastam com as tarefas cada vez mais abrangentes com que eles se defrontam em decorrência da ampliação do conceito de arte.

Hoje sabemos que devemos entender arte como um fenômeno social e em sua diversidade de manifestações. O fenômeno da hibridização cultural (GARCIA CANCLINI, 2000) se faz presente também no campo das artes, e é preciso trazer essa questão quando se fala na permanência e na perpetuação de determinados repertórios.

A chamada música clássica seria, por exemplo, uma das músicas disponíveis no acervo cultural da humanidade. Precisamos formar plateias para

as diversas músicas entendendo que o trânsito entre elas está cada vez mais fluente. A variedade de possibilidades de conteúdos que o ensino de Arte oferece reflete-se também nos métodos que podem ser aplicados. Entre eles Arte-educação; Ensinando através da arte; A experiência estética cotidiana; História da arte ou Multiculturalidade.

Diferentes posições didáticas e métodos

Quando, nos anos 70 do século XX, a área de Arte foi agrupada sob o conceito unificador da “educação artística”, ocorreu a polarização do campo das artes em torno dos conceitos de Arte-Educação e A educação através da arte. A questão era se o ensino de Arte deveria orientar-se por uma visão mais tecnicista, ou mais amplamente no processo, ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010 6 uma visão mais idealista, “direcionado para uma relação subjetiva com o mundo” (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 19).

Os conceitos de arte-educação e educação através da arte contrapunham-se à orientação da educação artística que reduzia a disciplina Artesa uma pulverização de técnicas e “produtos artísticos” que empobreciam o sentido do ensino de Arte. Isso ocorreu porque a concepção de educação artística não conseguia aprofundar o conhecimento específico de cada arte, suas histórias, epistemologias e linguagens. Já o movimento da arte-educação buscava novas metodologias de ensino e aprendizagem de Arte nas escolas, revalorizando o professor da área, discutindo e propondo o redimensionamento de seu trabalho, “conscientizando-o da importância de sua ação profissional e política na sociedade”, o que contribuiu muito para garantir a presença da Arte na LDB de 1996 (ibid.).

Em concepções mais recentes, a arte-educação vem focando o trabalho na “mediação entre arte e público” (BARBOSA; COUTINHO, 2009, p. 7). Para Barbosa (2009, p. 21), “a arte tem enorme importância na mediação entre os

seres humanos e o mundo, apontando um papel de destaque para a arte/educação: ser a mediação entre arte e o público”.

Atualmente, diferentes abordagens metodológicas são discutidas na área de Arte. Pode-se dizer que houve, ao lado dessas orientações, uma evolução das concepções ao incluir os meios de comunicação e a abertura para todas as imagens. Dada a crescente presença de imagem da mídia, a partir de meados da década de 1990, os arte-educadores tornaram-se os “especialistas” em imagem. A ideia é a de que “a educação não é nada sem imagens”. Essa concepção refere-se, principalmente, à "alfabetização visual" ou "competência de leitura de imagens”. Aqui a referência é claramente a arte, que se caracteriza por desafiar material, propor métodos construtivos e desconstrutivos que provoquem um pensamento não convencional. A aquisição do conhecimento por crianças e jovens, bem como seu próprio desenvolvimento, foram, sem dúvida, grandemente influenciados pelo uso da imagem. O objetivo era compreender processos de interpretação e leitura de imagens do dia a dia, “fomentando diálogos sobre os sentidos da arte em nossa vida” (AZEVEDO, 2009, p. 337).

No campo das artes plásticas, a educação estética passou a ser destinada para uma “alfabetização visual”, visando à promoção de competências de leituras de imagens em contextos interculturais. Nessa direção, a aprendizagem artística passou a ser um elemento indispensável na educação geral, considerada uma das competências básicas ao lado do letramento e da alfabetização numérica, porque as informações e a comunicação na sociedade contemporânea utilizam não somente a escrita, mas também múltiplos meios visuais, sonoros, mímicos e midiáticos.

Essa concepção é ampliada especialmente pela necessidade da arte como recurso nas disciplinas escolares, como na História (com o uso de imagens e iconografia) e na Geografia (interpretação de letras de músicas). Nesse caso, as artes são utilizadas como recurso. Aqui se deve lembrar o papel especial e a responsabilidade da disciplina Arte, especialmente das artes visuais, que têm a

imagem como objeto. O risco poderia ser de que professores e alunos não reconhecessem a distância imanente entre arte e não arte.

Uma atividade proposta por Hernández (2007) em seu livro *Catadores da cultura visual*: proposta para uma nova narrativa educacional é a utilização de imagens presentes em histórias em quadrinhos, em charges, em material publicitário e na televisão para uma alfabetização visual crítica. Utilizando imagens presentes na cultura contemporânea, os alunos devem analisar, interpretar, avaliar e criar com base na experiência crítica reflexiva “textos” visuais (p. 52). Uma possibilidade descrita é o uso de charges políticas criadas com base no ataque terrorista de 11 de setembro¹ e suas interpretações como material de reflexão.

Esses exercícios, denominados por Hernández (2007) práticas intertextuais, permitem analisar as conexões entre o mundo da arte e a cultura popular, como ocorreu na apropriação do quadro *A Última Ceia* de Leonardo da Vinci feita por um anúncio publicitário (p. 53). Além disso, tais experiências permitem aos alunos transitar do conhecido para o desconhecido e facilitam a compreensão de “como as imagens influenciam em seus pensamentos e em suas ações e sentimentos, bem como a refletir sobre suas identidades e contextos sócio-históricos” (HERNÁNDEZ, 2007, p. 25).

Biografia e subjetividade

Uma das temáticas desenvolvidas há alguns anos no ensino de Arte são os conceitos que a história de vida e a investigação subjetiva estética trazem para a educação estética. Acredita-se que existe um número significativo de pontos de contatos biográficos no centro das práticas e recepção artística. Assim, são trazidas questões como narrativas, biografias e entrevistas com músicos e artistas. O conceito ampliado de arte faz também que o objeto e a biografia se relacionem, constituindo a chamada arte-biográfica. Biografia

significa, neste contexto, substancialmente mais do que a reconstrução, o diário ou a documentação de currículos de produções artísticas.

Biografia deve ser entendida como um processo de estratificação ao longo da vida e de circulação das experiências estéticas. Ela inclui uma análise autorreferencial de histórias de vida de outros, trazendo, inclusive, questões históricas. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010 9 Assim, para o ensino de Arte, cada aluno é relevante e, por isso, sua história estética, por exemplo, sua biografia musical ou sua trilha sonora de vida, deve ser examinada e investigada. Essa investigação estética não pode ter êxito sem uma conexão com a biografia de cada um dos alunos que são esteticamente ativos: nas camisetas que vestem, nas danças que inventam e reproduzem, nas músicas que ouvem, nas imagens que colam nas paredes de seus quartos. Não é, portanto, apenas na aula de Arte, em que geralmente cumprem as tarefas – a maioria certamente planejada com objetivos educacionais corretos pelos professores – que os alunos fazem suas experiências estéticas. A aula de Arte inclui a tarefa de uma investigação estética própria, que não é compatível com os currículos “burocráticos”. Nessa linha, as aulas de Arte têm uma conformidade com a tendência de uma educação que considera a subjetividade — processos semelhantes são encontrados na arte contemporânea, isto é, trabalhos artísticos que estão ancorados biograficamente no artista.

O posicionamento das referências estético-biográficas (ou da biografia) como orientação nas aulas de Arte da escola é legitimada pelas metodologias que identificam tendências que afetam as obras de arte e, até mesmo, nossas próprias vidas, como gosto e preferências artísticas.

Na discussão sobre arte contemporânea, muitos autores têm destacado a importância da autobiografia para uma maior compreensão da produção artística. Para Fornaciari (2009) “a dinâmica presente nos trabalhos contemporâneos de tendência autobiográfica tem a capacidade de se tornar um dispositivo de construção da memória coletiva, sem, no entanto, anular a

identidade do artista.” Ou seja, a obra iria além dos elementos pessoais do autor, “revelando um sentido expandido da obra”. Logo, para a autora, “as obras autobiográficas podem ser entendidas como formas alternativas de produção de contextos históricos, sendo um dos modos como criamos a nossa memória cultural coletiva”.

Fornaciario (2009) apresenta exemplos que podem ser bastante ilustrativos. Um deles é o trabalho da artista francesa Sophie Calle, intitulado *Cuide de você*. A obra parte de um fato particular ocorrido na vida da artista. Ela recebeu por e-mail uma carta de rompimento de uma relação que terminava com as palavras “cuide de você”. Como não soube responder, convidou 107 mulheres, de diferentes profissões, para interpretar a carta, isto é, as mulheres escolhidas deveriam analisá-la, comentá-la, dançá-la, cantá-la, esgotá-la, enfim, entendê-la no lugar da artista e responder em seu nome. Realizada no período de novembro de 2006 a outubro de 2010, a obra documenta, em fotografias, vídeos e textos os vários pontos de vista das mulheres convidadas.

No ano de 2009, o trabalho de Sophie Calle foi apresentado no Brasil em duas exposições realizadas em São Paulo e Salvador. Destaca-se que a exposição tratou também de expandir a obra da artista ao convidar o público para “transformar sua experiência em arte”. O público podia também fazer parte da exposição, enviando foto, vídeo ou texto para blog disponibilizado (ver <http://blog.sophiecalles.com.br/>). Resultados da participação do público podem ser conferidos no sítio <http://www.sophiecalles.com.br/>. A obra tem como tema os relacionamentos atuais e, na análise de Fornaciari (2009), “contribui na formação de uma memória coletiva”.

Outro exemplo é o trabalho *My Google Search History* da artista francesa Albertine Meunier. A autora se utiliza de vídeos, sons e inventários de textos com todas as buscas feitas por ela desde 2006 no site de pesquisa Google, criando uma espécie de autorretrato. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010

O registro de momentos específicos efêmeros permite revelar detalhes, materializar sua intimidade e torná-la acessível ao público (FORNACIARI, 2009). A obra está disponível no sítio http://www.albertinemeunier.net/google_search_history/

A experiência estética cotidiana

A experiência estética permeia todas as áreas da vida. A maior parte de nossas experiências estéticas é feita no dia a dia, por meio de imagens diárias, livros, jornais, televisão, nas ruas, etc. e não em momentos especiais ou através da obra de arte consagrada exposta em museus.

Da mesma forma, a experiência estética não é predominantemente impregnada pela aula de Arte, mas pela influência da família, do ambiente sonoro e dos meios de comunicação, sobretudo, no que se refere à sua função e aos efeitos. Nessa visão, o cotidiano é requisito para toda espécie de experiência estética, sobretudo, porque nele encontramos situações, ações e objetivos a partir dos quais podemos estabelecer relação com outras pessoas. (SOUZA, 2008).

Essa abordagem ressalta a estética socioantropológica quase óbvia, partindo de uma investigação sobre o mundo vivido: perceber e explorar experimentalmente algumas práticas cotidianas – aquilo que as crianças e os adolescentes fazem todos os dias. Exatamente aqui, na realidade cotidiana das crianças e dos jovens, estaria a chance para a realização de um trabalho pedagógico, com propostas de atividades que não transmitissem somente conhecimentos isolados sobre métodos e repertório desvinculados da prática. Ao contrário, aqui estariam as chances para os professores saberem mais sobre a real experiência estética do aluno e sua posição perante ela.

A investigação estética pode ser feita a partir de dados e experiências projetadas em coisas, objetos, pessoas e situações. São também considerados os métodos disponíveis, práticas e possibilidades de conhecimentos da

experiência cotidiana. O interesse pela aula de música, por exemplo, estaria em tentar aproximá-la do “mundo vivido”, das experiências musicais que os alunos realizam diariamente fora da escola, e não em atividades pré-programadas e padronizadas. A aula de música passa a se orientar não por objetos (na gramática da música), mas por alunos, em suas situações, problemas e interesses. A metodologia passa, então, a ser decidida em cada lugar e em cada situação específica (SOUZA, 2000).

O objetivo dessa abordagem é permitir a autoescolha, trabalhar por meio de projetos temáticos sobre a experiência estética. Educação estética é vista, então, não apenas como uma exploração e uma percepção do mundo, mas como um processo de autoconstrução.

O valor pedagógico dessa abordagem reside no fato de que ela alerta os educadores “para que considerem de forma séria as necessidades, as linguagens e as experiências das crianças”, o que não significa “simplesmente afirmar a necessidade da relevância do currículo”, mas também “reconhecer a importância pedagógica daquilo que as crianças trazem para a sala de aula ou qualquer outro local de aprendizagem como sendo crucial para descentrar o poder na sala de aula” (GIROUX, 1995, p. 74-75).

Um exemplo apresentado por Ramos (2000) é o projeto desenvolvido com uma quarta série sobre Tazos na aula de música: dialogando com a mídia. O tema combina imagens e sons com base nos tazos, mostrando que mais importante do que o conteúdo da mídia é a maneira de trabalhá-lo. A experiência sinaliza que não basta tolerar esses objetos ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010 11 de uma forma pragmática, mas, ao contrário, o desejável é voltar-se de verdade para as experiências das crianças propondo ações fundamentadas e críticas. Ao incluir a observação, o projeto mostra, também, como que a partir do jogo e seu significado para a criança podem-se trabalhar temas básicos da educação musical.

O projeto proposto por Torres (2000) sobre a Música Popular Brasileira na escola com adolescentes de uma 8ª série, orientou-se na produção (apresentação ao vivo de um repertório escolhido pelos alunos), incluindo tarefas de leitura e escrita musical. Os resultados destacam a presença da audiovisualidade na elaboração de registros de músicas populares preferidas pelos adolescentes. A linguagem de videoclipe pôde ser observada em registros de músicas que os alunos criaram espontaneamente. Esse tipo de atividade prática fornece subsídios teóricos para interpretar a vivência da imagem-som pela nova cultura oral promovida pelos meios de comunicação. Outro exemplo que ilustra essa concepção é o documentário Degrau, de 2009, disponível em <http://www.canalcontemporaneo.art.br/saloeseprêmios/> (acesso 05/11/2010). A obra é de autoria do Grupo de Interferência ambiental – GIA, que reúne um coletivo de artistas visuais, designers, arte-educadores e músicos que têm em comum uma admiração pelas linguagens artísticas contemporâneas e sua pluralidade, mais especificamente por aquelas relacionadas à arte e ao espaço público.

O filme retrata com humor reflexões a respeito da vida cotidiana e suas singularidades, por exemplo, a rotina de passageiros ao subirem o degrau do ônibus coletivo. Nesse caso o que é valorizado na arte é o processo, a ação efêmera que acaba ressignificando o trabalho do artista com o público.

Práticas artísticas em performance

Nas artes visuais, a ampliação do conceito de imagem passou a tratar no plural uma imagem que incluía habilidades de performance e pleiteava trabalhar com arte de uma forma produtiva e receptiva, contemplativa e ativa. Práticas performativas ou atos performativos são ações que não são traduzíveis “por nenhum outro tipo de linguagem, como a discursiva e a científica” (BARBOSA, 2009, p. 21). As performances, geralmente presenciais, são “aquelas que estabelecem uma relação direta com o público, que jogam com a quebra da

distância entre espectador, artista e obra de arte e que enfatizam a ideia do corpo do artista como local privilegiado da experiência estética” (ROCHA, 2007, p. 153). Alguns exemplos seriam o teatro experimental da Revolução Russa, as contribuições da música experimental de John Cage e do dançarino Merce Cunningham. A arte, considerada em seus aspectos "performativos", ganhou uma ponderação mais antropológica ao enfatizar como as pessoas adquirem forma, em parte, de uma maneira mimética, quando adolescentes imitam seus ídolos ou quando há interação entre imagem, corpo e meio, ou mesmo quando as imagens dão sentido performático a eventos como videoclipes.

O ensino de Arte tem como objetivo formar pensamentos e trabalhar processos didático-artísticos do mesmo modo como a prática artística opera. Ou seja, ensinar Arte deveria se valer de processos análogos à construção da arte, como a proposta do educador musical Keith Swanwick ao ensinar música musicalmente, em que a teoria e a prática do pensamento artístico, bem como as práticas educativas trabalhariam em conjunto. Arte, como uma disciplina escolar, deve ter como foco não a arte em si, a obra, o objeto, mas as ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010 pessoas, que são o foco de todos os esforços, tanto da escola como de fora da escola, pois são as pessoas o elo crucial entre arte e vida.

Na área de teatro, são inúmeras as possibilidades de práticas performáticas como a proposta de Augusto Boal para o Teatro do Oprimido. Boal acreditava que “a alienação política tem uma estreita relação com a alienação do corpo, dos sentidos”: para que as pessoas “possam exercer sua capacidade de intervenção no mundo como sujeitos”, elas “precisam perceber o mundo em que vivem/seu contexto, sua identidade e seu papel, de forma crítica” (SCATOLINI, 2009, p. 65-66).

Um exemplo concreto do que as aulas de Arte podem oferecer para a formação de sujeitos críticos é propor a realização de um ensaio fotográfico baseado na pergunta “onde é que você vive?”. A vivência do fazer artístico

inclui uma problematização a partir da qual os alunos são estimulados a refletir sobre suas respostas. Os registros fotográficos trazidos pelos alunos podem conter elementos e conteúdos complexos de que o discurso lógico não daria conta. O desafio em responder a uma pergunta por meio da linguagem fotográfica pode promover a consciência sobre o papel político, social e libertador da arte.

Arte e globalização

Outra perspectiva teórica que vem se colocando para a arte é o debate sobre a criação artística na tensão entre o local e o global. Algumas concepções tratam da complexidade da produção cultural globalizada e dos desafios de temas como alteridade, identidades, intervenções artísticas simultâneas e trânsito das produções artísticas (ver BUARQUE DE HOLANDA; RESENDE, 2000).

No contexto da chamada globalização, os meios e os produtos tornam-se cada vez mais homogêneos. Utilizamos os mesmos produtos e, no nosso tempo livre, utilizamos os mesmos meios. A homogeneização cultural fica evidente no consumo de pizzas, refrigerantes em lata, músicas na parada de sucessos, cigarros, jeans, tênis, etc. Independentemente de suas diferenças históricas (culturais, sociais, nacionais e religiosas) e das distâncias físicas, grande parcela da população mundial consome e reconhece esses produtos como “seus” (DREIFUSS, 1997, p. 176). A “comunalidade de consumo” na área de música pode ser simbolizada no walkman, que eclodiu nos anos 70 e foi colocado a varejo nos mercados internacionais.

Embora possa parecer um paradoxo, a mundialização não exclui a diversidade cultural que vai orientar o processo de globalização econômica, “com a introdução de novas formas de atividades, singularmente

territorializadas”, isto é, “produção localizada baseada em recursos locais e até normas locais, padrões e formas organizacionais, onde os produtos mundiais padronizados (...) passam a conviver com os não homogêneos, e até mesmo com os próprios, mas ajustados padrões locais” (DREIFUSS, 1997, p. 232).

Com os efeitos da economia, migrações e globalização dos meios de comunicação, as atividades interculturais têm sido intensificadas entre as diferentes regiões do país. No campo da música, assistimos a um processo de fusão entre as diferentes culturas musicais, por exemplo, entre o samba e o rap. No entanto, apesar da internacionalização do repertório musical, algumas manifestações musicais insistem em manter suas diferenças locais, como a capoeira.

Outros exemplos que podem ser explorados são os novos movimentos da música nordestina, destacando-se Lenine, Chico César, Carlos Malta, Zeca Baleiro, entre outros. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010

13 Considerados como “novos porta-vozes de um país muito musical”, eles conseguem “a magia de rimar sertão e globalização”. Assim, funcionam como antenas, captando sem preconceitos os sons novos que vêm do país e do mundo. São capazes de defender a “prosmicuidade da música”, em que se permite misturar “o samba, funk e rap” (RODRIGUES, 2000).

Outro exemplo dessa geração é o pernambucano Chico Science, que lança o movimento mangue beat. O mangue é visto como uma terra fértil pela troca incessante de matéria orgânica entre o doce da água dos rios e o sal da água do mar. Uma metáfora, portanto, da necessidade de intensificar as trocas culturais.

Os exemplos trazidos mostram que os limites fixados entre essas concepções são frequentemente fluidos. Além disso, as possibilidades didáticas de se trabalhar com arte na escola são orientadas para a obra, a biografia, a investigação estética do cotidiano, ou a arte-educação, que pode ser

significativa e eficaz dependendo de uma avaliação empírica do desenvolvimento desses modelos na prática. 4,

Sobre a avaliação

Mas como avaliar em Arte? Embora seja um tema bastante discutido em outras áreas do conhecimento, ainda persiste a ideia de que avaliar em Arte é difícil, uma vez que a avaliação não pode ser objetiva quando se trata de áreas que envolvem a criatividade; ou ainda, quando se trata de Arte, o que deve ser avaliado nem sempre tem uma resposta muito clara e simples.

Ao abordar a avaliação como um dos tópicos importantes na implantação de propostas curriculares para o ensino de Arte, os Parâmetros Curriculares contribuíram para que parte desses mitos fosse desconstruída. Mais do que “dar nota” e “realizar testes”, a avaliação é apresentada como um processo contínuo, sistemático e complexo que deve envolver toda a comunidade escolar e não somente professores e alunos. Avaliar bem o desenvolvimento de um aluno passa a ser tão importante como ensinar, pois a avaliação permite a compreensão dos processos de aprendizagem e os resultados da prática docente.

A avaliação torna-se uma prática diária que vai orientando a reformulação de objetivos propostos e traçando novos caminhos para um ensino-aprendizagem efetivo. Por isso, como sugere Selbach (2010), um eficiente sistema de avaliação em Arte deve ir além das provas, avaliando os alunos por observações dentro e fora da sala de aula, por meio de entrevistas, trabalho em grupo, diários de bordo, esboços de trabalhos, entre outros recursos (p. 142).

Avaliar significa emitir juízo de valor ou qualidade a alguém ou a algo e reflete aspectos mais formais de controle do sistema que determinam a promoção ou não dos alunos. Porém, avaliar é também fazer diagnóstico, tomar

decisões. Reflete as oportunidades cotidianas das práticas e ações educativas que nem sempre conduzem à promoção.

Também em Arte são muitas as razões para se adotar um sistema de avaliação: para classificar; promover os alunos (aprovar/ reprovar); redimensionar projetos e planejamentos; repensar teorias e metodologias ou orientar investimentos e inovações. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010 14 O que avaliar em Arte? Podem-se avaliar os conteúdos (saberes e fazeres); as habilidades, atitudes e valores; estratégias e ações bem como relações interpessoais. Para tal são necessários métodos, com diferentes instrumentos e técnicas específicas para cada linguagem artística. Isto é, a Arte requer instrumentos e procedimentos de avaliação que sejam coerentes e adequados às suas especificidades.

Para avaliar música, por exemplo, os professores necessitam usar, basicamente, os ouvidos, e proceder a audiências de práticas performáticas em conjunto ou individuais de forma sistemática, em prazos e em tempos diferenciados.

A avaliação em música deve contemplar o mundo vivido das atividades que resultaram em aquisição de conhecimento e das técnicas que foram empregadas. Por essa razão, mais do que mensurar as habilidades em responder a questões escritas ou aplicar testes, o mais importante é avaliar as habilidades de ouvir, apreciar, executar ou criar música.

Para observações livres ou sistematizadas sobre produtos e processos de ensino aprendizagem em Arte, pode-se utilizar gravações audiovisuais, fotografias, diários de classe, escalas de observação, concertos públicos com ou sem bancas, exposições, concursos, shows, apresentações didáticas, aulas públicas, festivais; pode-se ainda incentivar trabalhos de monitoria e outros tipos de atividades cooperativas.

A avaliação em Arte deve acontecer ao longo de todo o processo correspondendo às diferentes tipologias como, auto avaliação, avaliação

diagnóstica, formativa e somativa. A auto avaliação se concentra na análise das próprias habilidades de performance e criativas dos alunos. A avaliação como diagnóstico é importante para o planejamento, e a avaliação formativa diz respeito aos processos, situa o aluno “em seu progresso e limites e destaca os pontos em que necessita maior empenho e dedicação” (SELBACH, 2010, p.143). Avaliação, nesse caso, não se refere somente à atribuição de conceitos, mas àquela realizada no dia a dia, auxiliando os professores no direcionamento de suas práticas pedagógicas. Já a avaliação somativa se preocupa com os resultados. Geralmente, ela é feita no final de um período de ensino para verificar a efetividade de uma parte ou de um programa educacional. Para tanto é necessário definir com clareza o que vai ser avaliado, as regras, os critérios, bem como criar técnicas e instrumentos consistentes e coerentes com o caráter único das artes. Ou seja, a arte tem uma objetividade diferente do que a definida para outras ciências por isso não necessariamente compartilha as mesmas espécies de instrumentos e testes. Objetividade nesse caso significa poder emitir um parecer sobre as propriedades do trabalho, do produto ou da relação do aluno com a produção artística utilizando argumentos estéticos, de forma a contribuir para o desenvolvimento de sua capacidade.

Atualmente, existe um número considerável de pesquisas e relatos de experiências, os quais mostram que a avaliação em Arte não só é possível como também desejável e fundamental para o acompanhamento das experiências estéticas na escola. Esses estudos vão desde uma perspectiva mais descritiva até reflexões comprometidas com a mudança de práticas pedagógicas. Para ampliar as leituras sobre o tema, ver entre outros os trabalhos de Hentschke e Souza (2003), Carneiro (2008), Scatolini (2009), Telles e Florentino (2009) e Selbach (2010).

Em síntese, a avaliação em Arte deve estar inserida nos projetos políticos das escolas, devendo ser planejada, discutida, programada e compartilhada com os alunos, com os corpos docente e administrativo das escolas, para que possa ser implantada de forma inclusiva, transparente e adequada ao trabalho

desenvolvido. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010

5. A inserção da Arte na educação escolar

Muitos argumentos têm sido utilizados para legitimar o ensino de Arte no currículo escolar. O tema é pauta de discussão dos professores de Arte, especialmente com a aprovação da Lei de Diretrizes e Base – LDB 9394 de dezembro de 1996, que, com o Art. 26, 2º parágrafo, incluiu o ensino de Arte como componente curricular obrigatório nos diversos níveis da Educação Básica.

As orientações curriculares do MEC, elaboradas a partir de 1995, determinaram as especificidades do conhecimento artístico em quatro modalidades: música, teatro, dança e artes visuais. Assim, os Parâmetros Curriculares Nacionais/Artes para o Ensino Fundamental, Referenciais Curriculares para a Educação Infantil e Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio trataram de explicitar os conteúdos de música, artes cênicas, artes visuais e dança e suas metodologias específicas. Dessa forma foi extinta a polivalência do professor que trabalhava com a Educação Artística, prevista na lei anterior 5692/71, na qual todos os conhecimentos artísticos estariam representados por uma única disciplina.

Em agosto de 2008, foi sancionada a Lei 11.769, que tornou o ensino de música como conteúdo obrigatório, mas não exclusivo no ensino curricular de Arte, alterando o Artigo 26 da LDB de 1996. Essa alteração foi de difícil tramitação, e sua aprovação foi considerada por muitos educadores musicais como um avanço. A nova legislação abriu a possibilidade de uma implantação efetiva do ensino de música nas escolas de uma forma abrangente para crianças e adolescentes.

A inserção obrigatória do ensino de Arte na Educação Nacional está fundamentada em teorias contemporâneas que tratam do papel das artes na

transformação da sociedade. Por isso, a legislação atual enfatiza os processos de produção artística específica – musical, visual, cênica e da dança, com conteúdos próprios.

Apesar de todos os esforços e discursos políticos em favor da especificidade de cada arte, na prática muitas escolas ainda continuam interpretando a área de Arte como educação artística, conforme previa a Lei. 5692/71. Também não está assegurada uma carga horária mínima semanal, o que faz com que muitas escolas optem por oferecer as quatro modalidades de artes em séries alternadas no Ensino Fundamental, por exemplo, oferecendo música nas 1^a, 3^a e 7^a séries e artes visuais nas 2^a, 4^a e 8^a séries. A descontinuidade é justificada como sendo a única forma de atender à lei diante da escassez de profissionais.

Essa questão está relacionada à necessidade da publicação de editais e à realização de concursos públicos específicos para provimento de cargos de professores de Artes com habilitação em música, teatro, dança e artes visuais. Acrescenta-se a isso o fato de que, em muitos editais de concursos para professores de Arte, o conteúdo programático apresentado não reflete as exigências legais, divulgando programas com características setoriais e pontuais que privilegiam apenas uma ou outra área artística. Esses equívocos podem ser explicados pelo fato de os editais serem tradicionalmente elaborados por comissões contratadas para esse fim, sem que necessariamente contemplem os anseios dos profissionais da área e as exigências legais.

Mesmo com as legislações e com os documentos curriculares disponíveis para o ensino de Arte, ainda pairam muitas dúvidas sobre com o que se ocupa a disciplina Arte, qual o seu papel no currículo e por que, mais que um luxo, ela se torna uma necessidade na formação de cidadãos. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010

6. Implicações para a formação e a atuação dos professores de Arte

Diante da obrigatoriedade do ensino de Arte com a Lei de Diretrizes e Base e das transformações socioculturais que incluem novos paradigmas estéticos, o desafio maior está na formação de professores que enfrentam inúmeros problemas. Entre eles, a necessidade de reorganizar os currículos, adequar os conteúdos à realidade dos alunos e buscar uma qualificação continuada para atuarem nas escolas.

Se hoje contamos, na LDB, com um instrumento adequado à efetiva implementação do ensino de Arte no Ensino Básico, a reorganização técnica e profissional necessária passa, efetivamente, pela concepção de uma nova formação universitária de professores de Arte, como atestam as Diretrizes Curriculares para o Ensino Superior, amplamente divulgadas. No caso da implantação da música como conteúdo obrigatório (Lei 11.769/ 2008), a formação de professores passa a ser um problema emergente, que exigirá esforços do MEC e das universidades no oferecimento de novas modalidades de formação.

Nas concepções atuais sobre a educação, a formação é vista como um processo contínuo, complexo, múltiplo e, por isso, consideram-se cada vez mais as dimensões culturais e sociais envolvidas no aprender e no ensinar. A formação passa então a ser entendida como “a ação pela qual se forma” traduzida na ação de produzir, organizar, instruir, educar e elaborar seus resultados.

Hoje, os alunos representam uma geração que nasce e vive em meio a processos de transformação da sociedade contemporânea e suas repercussões no espaço social. Há, pois, necessidade de construir construirmos uma ideia de formação artística que não negue, mas leve em conta e ressignifique o saber de senso comum dos alunos. Além disso, é preciso introduzir, no espaço da sala de aula, outras formas de pensar a arte no mundo contemporâneo, pois a forma como a arte geralmente se concretiza no livro didático nega outras formas de

aprendizagem capazes de articular experiências vividas no cotidiano ao conhecimento da escola.

O ensino de Arte se ocupa tradicionalmente com o mundo dos sentidos. E o mundo de que a aula de Arte trata é um mundo que nós percebemos, sobretudo, com nossos olhos, ouvidos e tato. Mas, apesar disso, os alunos ainda têm pouco espaço para se colocar, pode ter diferentes razões. Uma delas está relacionada com teorias tradicionais do ensino de Arte que, raramente, partem do mundo das crianças e dos jovens e que, raramente, perguntam sobre o que as crianças e jovens necessitam. O interesse está muito mais na maneira como eu posso transmitir importantes conceitos das artes. Nesse caso, o principal campo de referência (considerado hoje um sistema de referência baseado em um pensamento muito abstrato) é a obra de arte.

Outra questão é a ausência da prática artística na formação de professores. Para a formação de profissionais nos cursos universitários de Arte, os alunos que se preparam para o ensino de Arte devem ser educados artisticamente, com experiências em seu próprio corpo para poderem ensinar mais tarde. Espera-se com essa orientação que o ensino de Arte nas escolas não se torne uma lição de arte esvaziada ou que exemplos práticos estejam ausentes para todos os níveis e tipos de escolas.

Uma forma utilizada comumente na formação artística de graduandos são as oficinas. Como relata Telles (2009, p. 235), na área de teatro, a oficina é “um recurso amplamente utilizado nas atividades artístico-pedagógicas”. Ela se caracteriza “como uma ação-pedagógica ativista, em que o professor/oficineiro direciona as atividades de forma a ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010 estabelecer um exercício dialético entre o seu conhecimento e o que os participantes trazem de seu universo sociocultural”. A oficina é vista como “um momento de experimentar, refletir e elaborar um conhecimento das convenções teatrais”, que busca “instrumentalizar os participantes de um conhecimento teatral básico” e oferecer “vivências de uma atividade artística

que permite uma ampliação de suas capacidades expressivas e de consciência de grupo” (TELLES, 2009, p. 235).

Além do espírito criativo, a formação de professores de Arte exige uma sofisticação na estrutura curricular em conteúdos que não são lineares e nem hierárquicos, por exemplo, na própria classificação do que seria apropriado para criança e para jovens; na sequência de conteúdos; em qual período da história da arte iniciar: com arte contemporânea ou tradicional. Além disso, a formação de professores de Arte exige a vivência nos circuitos profissionais, como visitas a teatros, espetáculos de dança, exposições e concertos. Nessa vivência, estão incluídas também as vivências de performances e de exposições por meio das quais a arte sobrevive.

A questão do acesso à arte depende, naturalmente, da permanência nas escolas de todas as crianças em idade escolar, garantidas pela Constituição, mas ainda não totalmente realizada na prática. Além disso, é necessário o estabelecimento de políticas concretas para a formação e a contratação de professores de Arte, especialmente para atuarem nas escolas públicas.

É sabido que qualquer programa de intervenção em projetos escolares exige ações formativas, administrativas e curriculares que estejam interligadas. A minha experiência, como professora atuando nas práticas de ensino e no desenvolvimento de projetos de pesquisa e extensão durante os últimos anos, em escolas da rede pública e privada, tem mostrado que somente a produção de documentos curriculares isolados não é suficiente. Além deles, é necessário propor ações formativas que preparem profissionais da área para trabalhar com o ensino de Arte. Por outro lado, sabemos que só as ações voltadas à formação profissional por si só não garantem o espaço institucional da aula de Arte. É necessária, portanto, a formulação de políticas administrativas que viabilizem a implantação e a permanência da Arte no currículo.

Referências

AZEVEDO, F. A. G. de. A arte possibilita ao ser humano repensar suas certezas e reinventar seu cotidiano. In: BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. G. (Org.) Arte/educação como mediação cultural e social. São Paulo: UNESP, 2009. p. 335-346.

BARBOSA, A. M. Mediação cultural é social. In: BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. G. (Org.). Arte/educação como mediação cultural e social. São Paulo: UNESP, 2009. p. 13-22.

BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. G. (Org.). Arte/educação como mediação cultural e social. São Paulo: UNESP, 2009.

BOHLMAN, P. Ontologies of Music. In: COOK, N. (Org..) Rethinking Music, New York: Oxford Press, 1999, p. 17-34.

BRASIL.Ministério da Educação e Cultura (MEC). Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, Versão preliminar, novembro de 1995. [citado como PCN].

BUARQUE DE HOLANDA, H.; RESENDE, B. (Org.). Artelatina: cultura, globalização e identidades. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
CARNEIRO, E. Pequeno manual de corpos e danças. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

DREIFUSS, R. A. Corporações estratégicas e mundialização cultural. In: MORAES, D. de (Org.). Globalização, mídia e cultura contemporânea. Campo Grande: Letra Livre, 1997. p. 167-234.

FORNACIARI, C. Arte autobiográfica na performance e vice-versa. Disponível em . Acesso em: 05 nov. 2010.

GARCIA CANCLINI, N. Notícias recientes sobre la hibridación. In: BUARQUE DE HOLANDA, H.; RESENDE, B. (Org.). Artelatina: cultura, globalização e identidades, Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. p. 60-82.

GIROUX, H. A. Disneysação da cultura infantil. In: SILVA, T. T. da; MOREIRA, A. F. (Org.). Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais, Petrópolis: Vozes, 1995, p. 49-81.

HENTSCHKE, L. e SOUZA, J. Avaliação em música: reflexões e práticas. São Paulo: Moderna, 2003.

HERNÁNDEZ, F. Catadores da cultural visual. Porto Alegre: Mediação, 2007. ANAIS DO I SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010

RAMOS, S. N. Tazos na aula de música: dialogando com a mídia. In: SOUZA, J. (Org.) Música, cotidiano e educação. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da UFRGS, 2000. p.61-78.

ROCHA, V. Performance: ações poéticas das artes visuais e linguagem da diferença. In: CATTANI, I. B. (Org.). Mestiçagens na arte contemporânea. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 153-166.

RODRIGUES, Lia Imanishi. A nova música popular brasileira. Reportagem. ano II, n.14, p.27-50, nov. 2000.

SCATOLINI, R. Educação para a arte/ arte para a educação. In: Luiz CAMNITZER, L.; PÉREZ-BARREIRO, G. (Org.). Educação para a arte/ arte para a educação. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2009. p. 64-73.

SELBACH, S. (Coord.). Arte e didática. Petrópolis: Vozes, 2010. (Coleção Como bem ensinar) SOUZA, J. (Org.). Música, cotidiano e educação. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da UFRGS, 2000.

SOUZA, J. (Org.). Aprender e ensinar música no cotidiano. Porto Alegre: Sulina, 2008. TELLES, N. As oficinas de teatro e a prática do artista-docente. In: TELLES, N.; FLORENTINO, A. (Org.). Cartografias do ensino do teatro. Uberlândia: Edufu, 2009. p. 233- 238.

TELLES, N.; FLORENTINO, A. (Org.). Cartografias do ensino do teatro. Uberlândia: Edufu, 2009. TORRES, M. C. Música Popular Brasileira na escola. In: SOUZA, J. (Org.) Música, cotidiano e educação. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da UFRGS, 2000. p.79-90.



A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Maricleide Gzgik

Gisele Arruda

1 INTRODUÇÃO

Com a presença dos Jesuítas, em 1549, iniciou-se o ensino de arte na Educação Brasileira, o objetivo era catequizar os povos da terra nova, utilizando-se, como um dos instrumentos, o ensino de técnicas artísticas. Na educação formal, o ensino de arte tem a sua gênese marcada pela criação da Academia Imperial de Belas Artes, em 1816, com a chegada da Missão Artística Francesa (SILVA, ARAÚJO, 2007).

De acordo com as Diretrizes Curriculares de Arte “a arte chegou ao Brasil quando foi proporcionada por D. João VI, ao trazer a Missão Francesa em 1816” (PARANÁ, 2009, p.38). Assim, com a criação da Academia Imperial de Belas Artes no Rio de Janeiro em 1816, teve-se a instalação oficial do ensino

artístico no Brasil. Porém, foi somente com a lei 9394/96 que a disciplina de arte passou a ser obrigatória nos níveis de educação básica (BRASIL, 1997).

No entanto, a arte está presente, não apenas formalmente, mas desde o início da história da humanidade, através das primeiras manifestações gráficas representadas nas paredes das cavernas, onde o homem teve que aprender de algum modo a sua técnica e a sua função, e através dela expressar seus sentimentos e ações cotidianas. Portanto, a arte foi e é utilizada como uma forma de despertar a expressão, a criação e a inovação, o agir e o pensar, o que a torna essencial para o desenvolvimento humano. Nesse sentido, destaca-se a utilização da arte na educação especial como uma técnica com potencial criador e estimulante, onde os portadores de necessidades especiais podem utilizá-la como ferramenta de prazer e satisfação.

As pessoas com necessidades especiais têm poucas oportunidades de realização, poucas fontes de prazer, é necessário que essas pessoas descubram valores em suas vidas, sintam-se importantes, úteis e amadas. A arte possibilita essa igualdade, porque através dela, chega-se ao belo que é apreciado por todas as pessoas, sem distinção de cor, idade, sexo ou religião, e por essa razão, considera-se a arte a maior forma de integração e de desenvolvimento do ser humano.

Assim, a importância da arte na educação especial é procurar estimular nos alunos a auto expressão, possibilitando o desenvolvimento das potencialidades através da criatividade, flexibilidade, sensibilidade, reflexão e conhecimento.

Nesse aspecto, o trabalho tem como objetivo descrever os principais acontecimentos na trajetória do ensino artístico no Brasil, destacando a utilização, importância e os benefícios para alunos portadores de necessidades especiais, utilizando-se da arte como fonte de inspiração e criatividade. Para tal fim, foi realizado um estudo bibliográfico de cunho qualitativo descritivo.

2 HISTÓRICO DA ARTE

A educação é tema muito discutido na contemporaneidade, ela está ligada a temas políticos, filosóficos, sociais e universais, tentar compreendê-la requer um pouco de entendimento, por isso, inicia-se discutindo um pouco da trajetória do ensino artístico no Brasil, para depois tratar da importância da arte na educação especial.

O ensino de arte, na educação brasileira, iniciou-se com a presença dos Jesuítas em 1549, objetivando catequizar os indígenas, utilizando-se, como um dos instrumentos, o ensino de técnicas artísticas (PILETTI, 1996).

Em 1808, D. João VI e sua corte fugiram para o Brasil, pois D. João pretendia ficar fora do conflito entre a Inglaterra e a França governada por Napoleão Bonaparte. D. João e sua família chegaram ao Rio de Janeiro foram recebidos com festa, pois o Brasil, nesse momento estava recebendo forte influência cultural europeia e a principal delas era a chegada de um grupo de artistas franceses, conhecida como Missão Artística Francesa, encarregados pela Academia Imperial de Belas Artes a ensinar aos alunos as artes e ofícios artísticos. Então, em 1816, D. João VI, ao trazer a Missão Artística Francesa fez a arte chegar ao Brasil (PARANÁ, 2009). Desta forma, o ensino de arte tem a sua origem marcada pela criação da Academia Imperial de Belas Artes, em 1816, com a chegada da Missão Artística Francesa (SILVA, ARAÚJO, 2007).

Os artistas da Missão Francesa seguiam os modelos Europeus, pois desenhavam, pintavam e esculpiam a cultura europeia, transmitindo assim os modelos europeus nos seus desenhos e nas pinturas para que os brasileiros pudessem compreender um pouco da cultura europeia (RODRIGUES, 2012).

A partir de então, o ensino artístico foi ganhando espaço na sociedade, brasileira. Segundo Santa, Scaléa (2006) no século XVII, o governo de Maurício de Nassau, em Pernambuco, trouxe pintores holandeses para registrar as paisagens das terras que havia conquistado. Já no século XVIII predominou o período barroco brasileiro representado nas obras e esculturas de Aleijadinho e de Manoel da Costa Ataíde. Os autores completam,

A arte nessa época surgiu para servir a interesses políticos da época, onde que as habilidades do artista aleijadinho e do mestre Ataíde eram direcionada para embelezar as igrejas católicas, através das pinturas nos tetos, as esculturas e os entalhes eram assim revestidos com ouro (SANTA; SCALÉA, 2006, p.30).

Na passagem do século XIX para o século XX, fortes mudanças políticas e sociais marcaram a época, como a proclamação da república, que ocorreu no final do século XIX. Nessa época, os estudantes da Academia Imperial de Belas Artes, que eram mantidos pelo governo imperial, com a queda do império, tiveram que buscar outro meio para se manter e começaram a atuar em cenografias e decoravam espaços como teatros, museus e mansões (PEREIRA, 2008).

No século XX ganha espaço o modernismo, com a semana de arte moderna de 1922, que foi um importante marco para a arte brasileira. O modernismo valorizava a cultura popular, o ensino de arte passou a ter enfoque na expressividade e criatividade onde o artista expressava a sua criação (PONTES, 2005). E a partir do século XXI a arte contemporânea ganha espaço na sociedade.

A partir de então, começaram a ser criadas escolas de desenho e pintura e no ano de 1886, Antônio Mariano de Lima criou a escola de desenho e pintura em Curitiba, onde aparece como a primeira iniciativa em torno da ideia do ensino de arte e de ofícios na cidade. Em 1948, o artista Augusto Rodrigues criou a escolinha de arte no Rio de Janeiro, a partir dos anos 50, além do desenho, passaram a fazer parte do currículo escolar às matérias de música, canto orfeônico e trabalhos manuais que surgiu através do músico Heitor Villa Lobos. O ensino de arte ganhou mais espaço na sociedade, pois o compositor incluiu o ensino de música nas escolas por meio da teoria e do canto orfeônico (BRASIL, 2009).

Então, desde 1971, a arte foi incluída no currículo escolar com o nome de educação artística, através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, como atividade educativa e não como disciplina. Em dezembro de 1996, foi decretada a Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e, com a Lei 9394/96, o ensino de arte passou a ser obrigatório nos níveis de educação básica (BRASIL, 1996).

Portanto, desde o início da história da humanidade a arte sempre esteve presente em praticamente todas as formações culturais, desde o homem que desenhou os desenhos rupestres nas paredes das cavernas, onde teve que aprender de algum modo a sua técnica e sua função, e através dela expressar seus sentimentos e ações cotidianas, até as pinturas modernas de grandes clássicos. Assim, a arte se torna uma prática criadora, ou seja, é uma criação humana que leva o homem a expressar as suas emoções e através dela, contar sua história e sua cultura.

Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares de Arte (PARANÁ, 2009) destacam,

A arte é fonte de humanização e por meio dela o ser humano se torna consciente da sua existência individual e social, percebe-se e se interroga e levado a interpretar o mundo e a si mesmo. A arte ensina a desaprender os princípios das obviedades atribuídas aos objetos e as coisas, é desafiadora, expõe contradições, emoções e os sentidos de suas construções (PARANÁ, 2009, p. 56).

A arte se apresenta de varias formas como na pintura, na poesia, na dança, na música, na arquitetura, na escultura, no cinema e no teatro, ela oferece experiências estéticas, visuais, táteis e sonoras, onde leva o ser humano a desenvolver expressões criativas, fazendo com que perceba o mundo ao seu redor.

2.1 EDUCAÇÃO ESPECIAL

A arte compreende um universo amplo de múltiplas formas de linguagem, como artes visuais, música, dança e teatro, que pode vir a oferecer diferentes formas de comunicação, oportunidades de expressão, meio de autoafirmação, desenvolvimento da criatividade, favorecendo a socialização e estimulando o desenvolvimento psicomotor das crianças, com ou sem deficiência, contribuindo com a aprendizagem escolar.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) no seu Art. 58, “entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida, preferencialmente, na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais” (BRASIL, p. 196, 1997).

Historicamente, no Brasil, o atendimento aos portadores de deficiência teve seu marco na época do Império, devido a criação de duas organizações: o Imperial Instituto dos Meninos Cegos, em 1854, atual Instituto Benjamin Constant – IBC, e o Instituto dos Surdos Mudos, em 1857, hoje chamado Instituto Nacional da Educação dos Surdos – INES, ambos no Rio de Janeiro. A partir do século XX é fundado o Instituto Pestalozzi (1926), especializada no atendimento às pessoas com deficiência mental; em 1954, é criada a primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE; e, em 1945, é fundado o primeiro atendimento educacional especializado às pessoas com superdotação na Sociedade Pestalozzi, por Helena Antipoff (BRASIL, 2007).

Em 1961, o atendimento educacional às pessoas com deficiência passa a ser fundamentado pelas disposições da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, Lei nº 4.024/61, que aponta o direito dos “excepcionais” à educação, preferencialmente dentro do sistema geral de ensino (BRASIL, 1961). Posteriormente, essa lei foi revogada pela Lei nº9.394/96.

Essa modalidade de educação se organizou tradicionalmente como atendimento educacional especializado substitutivo ao ensino comum, demonstrando diferentes compreensões, terminologias e modalidades que induziram à criação de instituições especializadas, escolas especiais e classes especiais. Essa organização, baseada no conceito de normalidade/anormalidade,

designa formas de atendimento clínicoterapêuticos fortemente ancorados nos testes psicométricos que, por meio de diagnósticos, resolvem as práticas escolares para os educandos com deficiência (BRASIL, 2007).

Para Silva (2008) a educação especial visa oferecer às crianças portadoras de algum tipo de excepcionalidade, atendimento característico ao seu tipo de necessidade, levando em consideração suas diferenças interindividuais e intraindividuais. O mesmo autor ainda destaca que existe a necessidade de capacitação dos docentes, no âmbito da educação especial, possibilitando atender essas crianças e transformar a sala de aula num ambiente propício à aprendizagem.

Conforme afirma Silva (2001):

É preciso que o professor compreenda que as individualidades encontram-se inseridas em um meio social, em permanente interação com seus pares, exercendo e recebendo influências diversas de todas as pessoas, do ambiente a que pertencem, do próximo e do distante, do micro e do macro contexto social (2001, p. 51).

Outro aspecto relevante ao professor que possui em sua classe crianças portadoras de necessidades especiais é a afetividade, aspecto que engloba e condiciona as dificuldades decorrentes da condição de ser uma criança especial. Englobando nesse sentido, crianças que possuem deficiência mental, visual, auditiva, física; às que têm comportamentos típicos e às portadoras de altas habilidades. Se essa criança tiver sua necessidade de carinho e afeto satisfeitas, possivelmente saberá, de forma diferente, enfrentar suas dificuldades, pois o sentimento de segurança, de apoio, de sentir-se estimada e protegida, reforçará a seu entusiasmo, a sua coragem e a sua autoconfiança, embora sabendo e sentindo-se limitada na sua capacidade de estabelecer contato com o mundo e com as pessoas, ou mesmo, não sendo compreendida nas suas probabilidades de realização (SILVA, 2008).

Assim, a importância da arte na educação especial é procurar estimular nos alunos a auto expressão, possibilitando o desenvolvimento da criatividade, flexibilidade, sensibilidade, reflexão e conhecimento.

Desta forma, é de extrema importância a utilização da arte como ferramenta educacional para crianças portadoras de necessidades especiais, objetivando uma maior interação, como também uma expressão de sentimentos. Nesse contexto, o ensino de arte nas escolas possibilita aos alunos portadores de necessidades especiais o despertar da criatividade, oferecendo um contato constante com a realidade e a fantasia, propiciando o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA ARTE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

A arte esta presente desde o inicio da história da humanidade, ela surgiu através das primeiras manifestações gráficas representadas nas paredes e tetos das cavernas, onde o homem teve que aprender de algum modo a sua técnica e sua função, e através dela expressar seus sentimentos e ações cotidianas.

Assim há milhares de anos a arte foi evoluindo e ocupando um importante espaço na sociedade, e através dela “o homem transformou o mundo e a si próprio pelo trabalho e, por ele, tornou-se capaz de abstrair, simbolizar e criar arte” (BRASIL 2009, p. 54).

Partindo desse pressuposto, a arte se torna uma pratica criadora, é uma criação humana com valores estéticos, é a expressão do belo, onde o homem procura transmitir em suas obras de arte as suas emoções e seus sentimentos, e através dela contar.

Cabe ressaltar, desta forma, os ensinamentos de Corrêa, Nunes (2006), que destaca o papel da arte para os alunos especiais,

- Interagir com materiais, instrumentos e procedimentos variados, desenvolvendo competências com o manuseio de ferramentas, materiais,

técnicas a organização e produção artística, bem como as relações pessoais e interpessoais na criação artística;

- Criar uma relação de autoconfiança com a construção artística pessoal, respeitando a própria produção e a dos outros;
- Compreender e saber identificar a arte como fato histórico, contextualizando a nas diversas culturas;
- Observar as relações entre a pessoa e a realidade, com interesse e curiosidade, dialogando, indagando, discutindo, argumentando e lendo a obra de modo inteligível e sensível;
- Buscar e organizar informações sobre arte, por meio de contato com artistas, produções, documentos e acervos, reconhecendo e compreendendo a variedade de produtos artísticos e concepções estéticas presentes na história das diferentes culturas (2006, p. 61).

Dessa forma, o ensino de arte é uma forma de promover a percepção, a criatividade e a cultura dos alunos com necessidade especiais, pois esses têm poucas oportunidades de realização, poucas fontes de prazer, portanto, é necessário que essas pessoas descubram valores em suas vidas, sintam-se importantes, úteis e amadas e a arte possibilita essa igualdade e essa integração, facilitando o desenvolvimento do ser humano.

Assim, destaca-se as artes visuais, que segundo Fischer (2007) ela tem o poder de trabalhar as percepções do aluno especial e essa característica é fundamental para o processo de ensino aprendizagem dos mesmos.

Costa (2000) evidenciou a importância de trabalhar a arte visual junto a crianças com deficiência, no sentido de promover a motivação e a criatividade, contribuindo para a construção de sujeitos mais sensíveis, prontos para descobrir suas habilidades e talentos. De acordo com o autor é através da disciplina de arte que a criança expressa seus sentimentos, desejos, suas fantasias e ansiedades. Assim, a arte é um importante trabalho educativo, pois estimula a inteligência e contribui para a formação da personalidade do indivíduo.

Assim, a educação utilizando a arte como ferramenta, se torna um processo dinâmico e contínuo que deve ser utilizado para facilitar a compreensão dos alunos especiais. De tal modo, lança-se olhares especiais sobre a arte e descobre-se que através dela, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação, expressando os sentimentos e desenvolvendo habilidades. Portanto, o ensino de arte nas escolas possibilita aos alunos portadores de necessidades especiais o despertar da criatividade, oferecendo um contato constante com a realidade e a fantasia, propiciando o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte apresenta importância evidente na vida de todas as pessoas, mas no caso dos alunos com necessidades especiais assume um papel importante na formação de sua personalidade. A pessoa portadora de deficiência tem poucas oportunidades de realização, poucas fontes de prazer, é necessário que essas pessoas descubram valores em suas vidas, sintam-se importantes, úteis e amadas. Portanto, o valor da arte na educação especial é procurar estimular nos alunos a auto expressão, possibilitando o desenvolvimento das potencialidades através da criatividade, flexibilidade, sensibilidade, reflexão e conhecimento.

Na escola, a arte, significa abertura para a riqueza da própria vida. Quem tem oportunidade de conhecê-la terá uma vida mais expressiva, porque o seu ensino possibilita o despertar da criatividade, facilitando o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética.

Através da arte é possível realizar mudanças, expressar desejos, vontades e viajar pelo mundo. Desta forma, considera-se a arte um dos canais mais importantes para que o indivíduo desenvolva seu potencial, é um dos meios de comunicação mais eficazes para promover o desenvolvimento das pessoas, por isso, deve-se estimular a utilização das ferramentas artísticas nas suas mais

variadas formas, seja como a música, a dança, o teatro, a arte visual ou outras, pois é através dessas modalidades que trabalha-se o desenvolvimento dessas crianças.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Secretaria Estadual da Educação de São Paulo. Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007. 2007. Disponível em: . Acesso em: 24 de jul 2014.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Brasília: MEC/SEF, 1997. BRASIL. Lei Nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Presidência da República. Casa Civil, 1961 Disponível em: . Acesso em 25 de jul 2014. CORRÊA, A. D.; NUNES, A. L. R. (Org). O ensino das artes visuais: Uma abordagem simbólico-cultural. Santa Maria: Ed. UFSM, 2006.

COSTA, R. X. A socialização do portador de deficiência mental através da arte. In: Revista Integração. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Especial, ano 12, edição especial, p. 16-19, 2000.

FISCHER, E. A necessidade da arte. 9º ed. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2007. BRASI. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Presidência da República. Casa Civil. 1996. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em 08 ago 2014.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação do. Diretrizes Curriculares de Arte para a Educação Básica. Departamento de Educação Básica. Curitiba, 2009.

PEREIRA, S. G. A revisão historiográfica da arte do século XIX e os eventos comemorativos dos 200 anos da chegada de D. João ao Brasil: O exemplo de Henrique José da Silva. In: XXVIII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte, 2008, Rio de Janeiro. Anais do XXVIII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte. Rio de Janeiro: CBHA, v. 28. p. 237-245, 2008.

PILETTI, N. C. História da Educação. 5º ed. São Paulo: Editora Ática, 1996.
PONTES, R. Semana de Arte de 1922, razões e consequências. Revista Coleção Diversos. 2005. Disponível em: . Acesso em: 21 fev 2014.

RODRIGUES, R. A. Crônicas a pincel e tinta. Revista Garrafa 28. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2012. Disponível em: < http://www.lettras.ufrj.br/ciencialit/garrafa/garrafa28/ricardoalexandre_cronicas.pdf >. Acesso em: 21 de fev de 2014.

SANTA, N. S. R.; SCALÉA, N. S. Arte-educação para professores. Teorias e práticas na visitação escolar. Rio de Janeiro: Pinakothek, 2006.

SILVA, E. M. A.; ARAÚJO, C. M. de. Tendências e concepções do ensino de arte na educação escolar brasileira: Um estudo a partir da trajetória histórica e sócioepistemológica da arte/educação. In: 300 Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação. Caxumba, MG, 2007.

SILVA, M. M. P. da. O contexto educacional da criança portadora de necessidades educativas especiais: A importância do professor. Revista

Eletrônica do CESVA. v. 1, n. 1, p. 159-166, 2008. SILVA, M. M. P. da. O Portador de altas habilidades na visão de professores da educação infantil e do ensino fundamental. 2001. 428 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2001.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ENSINO DE ARTES E A HISTÓRIA DA ARTE NA EDUCAÇÃO.

Disponível em:

[https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/pedagogia/ensino-de-
artes-e-a-historia-da-arte-na-educacao/67348](https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/pedagogia/ensino-de-artes-e-a-historia-da-arte-na-educacao/67348)

Histórico da ensino da arte no Brasil. Disponível em:

[https://www2.escolainterativa.com.br/canais/02_arte_estudo/paginas/arte-
educacao/historico-arte-brasil.asp](https://www2.escolainterativa.com.br/canais/02_arte_estudo/paginas/arte-educacao/historico-arte-brasil.asp)

O ensino da arte na educação infantil. Disponível em:

[https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/direito/o-ensino-da-arte-
na-educacao-infantil/42663](https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/direito/o-ensino-da-arte-na-educacao-infantil/42663)

A importância da arte na educação infantil, Bartira Betini. Disponível em:

[http://pompom.com.br/blog/cuidados-do-bebe/desenvolvimento-infantil-
pompom/a-importancia-da-arte-na-educacao-infantil/](http://pompom.com.br/blog/cuidados-do-bebe/desenvolvimento-infantil-pompom/a-importancia-da-arte-na-educacao-infantil/)

O Estudo da Arte na Educação Básica e no Ensino Superior. Disponível em:

[https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/direito/o-estudo-da-arte-
na-educacao-basica-e-no-ensino-superior/36256](https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/direito/o-estudo-da-arte-na-educacao-basica-e-no-ensino-superior/36256)

A Importância da Arte No Ensino Fundamental. Disponível em:

[http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/a-importancia-da-arte-no-
ensino-fundamental](http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/a-importancia-da-arte-no-ensino-fundamental)

A arte na escola. Itcak, Edina Pischaraka Disponível em:

http://www2.uol.com.br/aprendiz/n_colunas/coluna_livre/id181101.htm

A Eficácia da Arte no Ensino Aprendizagem. Disponível em:

[https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/esporte/a-eficacia-da-
arte-no-ensino-aprendizagem/21118](https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/esporte/a-eficacia-da-arte-no-ensino-aprendizagem/21118)

CATTERRAL. James The Arts and the Transfer of Learning. http://209.59.135.52/resources/toolkits/criticallinks/cl_overview.pdf pag 151 a 157

MORAES Paula Ariane da Silva. STEAM: Arte e Design no Currículo do Ensino Médio, Programa em Design, Arte e Tecnologia da Universidade Anhembi Morumbi , 2017

A IMPORTÂNCIA DA ARTE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL. Disponível em: <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/direito/a-importancia-da-arte-na-educacao-especial/59900>

Atividades de Colagem para Educação Infantil – Aula de Artes. Disponível em: <http://www.atividadeseducacaoinfantil.com.br/artes/atividades-de-colagem-para-educacao-infantil/>

Todas as nossas atividades de artes. Disponível em: <http://www.atividadeseducacaoinfantil.com.br/recursos-educacionais/atividades-artes/>

6 dias de atividades artísticas para crianças de todas as idades. Disponível

em: <https://catraquinha.catracalivre.com.br/geral/manual-de->

[brincadeiras/indicacao/6-dias-de-atividades-artisticas-para-criancas-de-todas-as-idades/](https://catraquinha.catracalivre.com.br/geral/manual-de-brincadeiras/indicacao/6-dias-de-atividades-artisticas-para-criancas-de-todas-as-idades/)

4 práticas que levam alunos a aprender com alegria. Disponível em: <http://porvir.org/4-praticas-levam-alunos-aprender-alegria/>

ARTE NO ENSINO FUNDAMENTAL Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&al

ias=7171-3-7-artes-jussamara&category_slug=dezembro-2010-
pdf&Itemid=30192

A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Disponível em: [http://cac-
php.unioeste.br/eventos/conape/anais/iii_conape/Arquivos/Artigos/Artigosco
mpletos/MEDICINA/1.pdf](http://cac-
php.unioeste.br/eventos/conape/anais/iii_conape/Arquivos/Artigos/Artigosco
mpletos/MEDICINA/1.pdf)



NÃO DEIXE DE SOLICITAR O SEU CERTIFICADO!!

Solicite agora mesmo seu certificado de **37 Horas** (no link abaixo)

[\[Clique aqui para solicitar certificado\]](#)



Veja um modelo do certificado!

